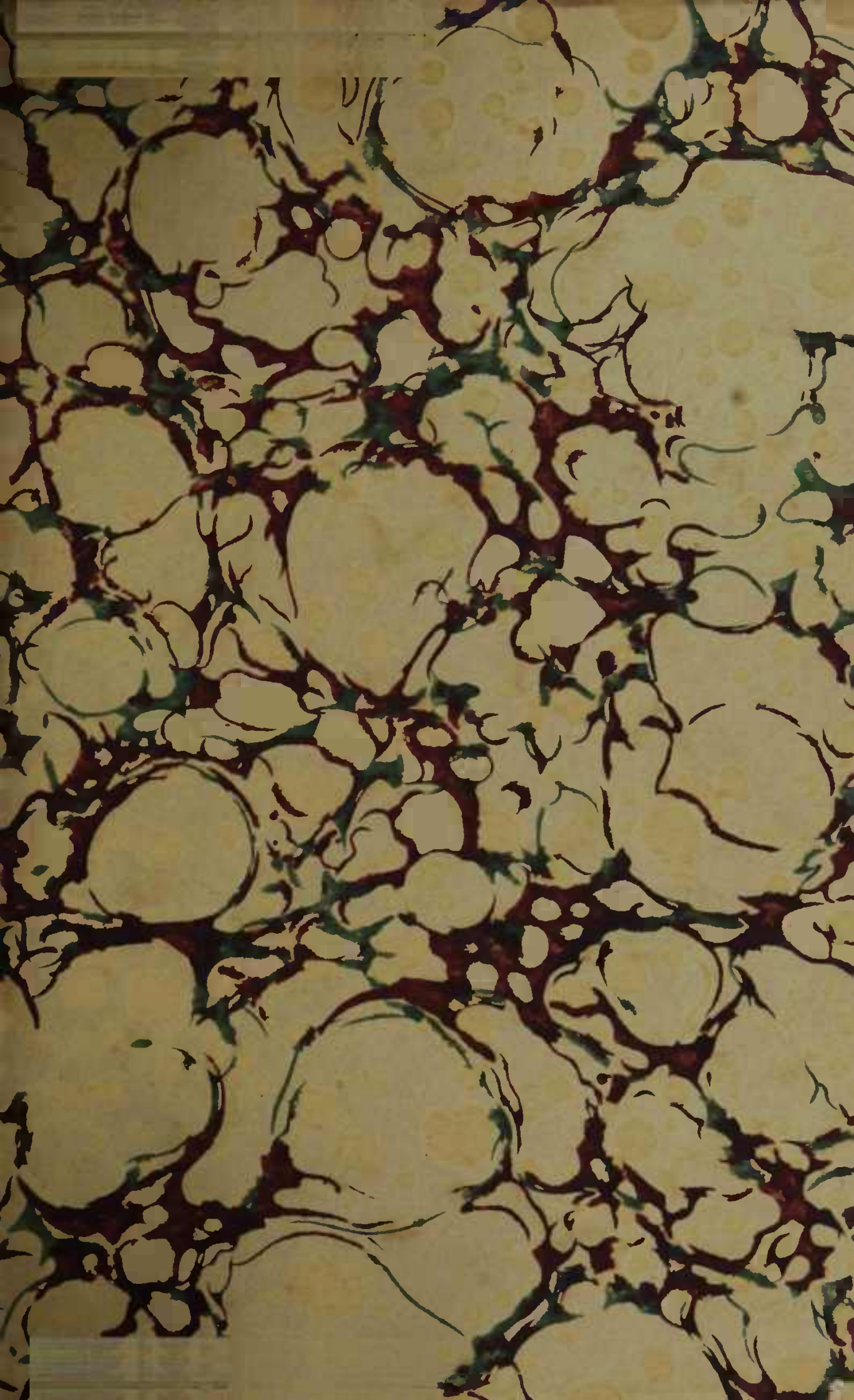
ENCADERNAÇÃO
VALLELLE
CASA
JOSÉ LINO
MARTINS & C.ª
R. DO CARMO, 63
TEL. 23-24-12
RIO



J. de Alencar.

MÃI

DRAMA EM 4 ACTOS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

1862

MÃI

J. de Alencar. 3

MÃI

DRAMA EM 4 ACTOS

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO

PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO

—

1862

A MINHA MÃI

E

MINHA SENHORA

D. ANNA J. DE ALENCAR

Mãi.

Em todos os meus livros ha uma pagina que me foi inspirada por ti. E' aquella em que falla esse amor sublime que se reparte sem dividir-se; que remoça quando todas as affeições caducam.

Desta vez não foi uma pagina, mas o livro todo.

Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vem do ceo pelos labios maternos. Se, pois, encontrares ahi uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber, quem me ensinou a comprehender essa linguagem.

Acharás neste livro uma historia simples; simples quanto póde ser.

E' um coração de mãi como o teu. A differença está em que a Providencia o collocou o mais baixo que era possivel na escala social, para que o amor extreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante elle se curvassem a virtude e a intelligencia; isto é, tudo quanto se apura de melhor na lia humana.

A' outra que não á ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorancia e a rudeza do captiveiro, podendo encontral-a nas salas trajando sedas. Mas sentes que se

ha diamante inalteravel é o coração materno, que mais brilha quanto mais expessa é a treva: sentes que rainha ou escrava a mãi é sempre mãi.

Tu me déste a vida, e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circumstancias tenham modificado a obra primitiva. Me déste o coração, que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que so, como agora, no silencio da vigilia, na solidão da noite, posso abril-o e vasal-o nestas paginas que te envio.

Recebe, pois, Mãi, do filho á quem deste tanto, esta pequena parcella da alma que bafejaste.

Rio de Jeneiro.—1859.

J. de Alencar.

MÃI

DRAMA

Representado no Gymnasio Dramatico, em 1860.

PERSONAGENS.

DR. LIMA.....	Snr.	Joaquim Augusto.
JORGE.....	»	Paiva.
GOMES.....	»	Heller.
PEIXOTO.....	»	Militão.
VICENTE.....	»	Graça.
ELISA.....	Sra.	Ludovina.
JOANA.....	»	Velluti.

A scena é no Rio de Janeiro.
A época— 1855.

Este drama não póde ser representado sem licença do autor.

MÃI

ACTO PRIMEIRO

Em casa de Gomes. Sala de visitas.

—

SCENA I.

ELISA E GOMES.

GOMES.

Já estás cosendo, minha filha?

ELISA.

Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES.

Porque me occultas o teu generoso sacrificio?. Cuidas que não adivinhei?

ELISA.

O que, meu pai?. Que fiz eu?..

GOMES.

São as tuas costuras que tem suprido esta semana as nossas despezas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa, e não me pediste... Trabalhaste!

ELISA.

Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES.

Oh! E' preciso que isto tenha um termo!

ELISA.

Tambem hoje é 6 do mez. Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES.

Meu ordenado?.. Já o recebi.

ELISA.

Ah! Precisou delle para pagar a casa?

GOMES.

Depois que morreu tua mãi, Elisa, tenho soffrido muito. Além da perda irreparavel que tivemos, as despezas da molestia me atrazaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dividas que pesam sobre mim.

ELISA.

E são muitas?

GOMES.

Nem eu sei.. Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar.... Não é possivel viver assim.

ELISA.

Que diz, meu pai!

GOMES.

Perdoa, Elisa Foi um grito de desespero.. Ás vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

SCENA II.

ELISA E JOANA.

JOANA.

Bom dia, Iaiá.

ELISA.

Adeos, Joana.

JOANA.

Iaiá está boa?

ELISA.

Boa, obrigada.

JOANA.

Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA.

Sahio agora mesmo.

JOANA.

Encontrei elle na escada. Hoje não é dia de licção de nonhô Jorge?

ELISA.

Segunda feira... E', e ainda nem tive tempo de passar-lhe os olhos.

JOANA.

Então como hade ser?

ELISA.

Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA.

Pois em quanto Iaiá cose, eu vou arrumando a sala: póde vir gente.

ELISA.

Mas, Joana... Teu senhor não hade gostar disto!

JOANA.

De que, Iaiá?

ELISA.

Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cosinhas o nosso jantar.

JOANA.

Ora, Iaiá! que me custa a fazer isso?... Nonhô sahe muito cedinho, logo ás 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, n'um momento, porque tambem tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a Iaiá, que se mata com tanto trabalho.

ELISA.

E o Sr. Jorge sabe disto?

JOANA.

Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA.

Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas extranhas.

JOANA.

Iaiá não é nem uma pessoa extranha... Depois, Vm. não conhece meu nonhô?.. Não sabe como elle é bom?..

ELISA.

Oh! sei! Ha um anno que é nosso visinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA.

Mas Iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... Desde que nonhô Jorge nasceu, que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se elle não sabe ralhar... Olhe, Iaiá! Todas as festas me dá um vestido novo, vestido bonito..E não dá mais porque é pobre!

ELISA.

Foste tu, que o creaste?

JOANA.

Foi Iaiá. Nunca mamou outro leite, senão o meu...

ELISA.

Ah! Tu és sua —*mamãi Joana?*

JOANA (*estremecendo*).

Mamãi !... Não diga isto, Iaiá !

ELISA.

De que te espantas ? Uma cousa tão natural !

JOANA.

Nonhô não deve me chamar assim !... Eu sou escrava, e elle é meu senhor.

ELISA.

Mas é teu filho de leite.

JOANA.

Meu filho morreu !

ELISA.

Ah ! Agora comprehendo ! . Esse nome de mãi te lembra a perda que soffreste !... Perdoa, Joana.

JOANA.

Não tem de que, Iaiá. Mas Joana lhe pede... Se não quer vêr ella triste, não falle mais nisto.

ELISA.

Eu te prometto.

JOANA.

Obrigada, Iaiá. (*Pausa*).

ELISA.

Devem ser perto de nove horas. O Sr. Jorge não tarda.

JOANA.

E mesmo ! Elle que vem sempre á hora certa.

ELISA.

Nem tenho vontade de estudar.

JOANA.

Estão batendo.

SCENA III.

ELISA, JOANA E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Viva, minha Sra! O Sr. Gomes?

ELISA.

Ha pouco sahio.

PEIXOTO.

Já sahio! Tão cedo!... Ainda não são nove horas.

JOANA.

Meu Sr., elle teve que fazer.

PEIXOTO.

Nem de proposito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA.

O Sr. não quer sentar-se?

PEIXOTO.

Obrigado; tenho pressa.

ELISA.

Porque não o procura na repartição?

PEIXOTO.

Não estou para isso. Queira dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA.

Sim, Sr.

PEIXOTO.

Sem mais!

SCÉNA IV.

JOANA E ELISA.

JOANA.

Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santissima!... Um senhor assim era um purgatorio.

ELISA.

Coitado! A culpa não é delle!

JOANA.

De quem é então?

ELISA.

Dos pais, que não lhe souberam dar educação.

JOANA.

Que bom coração tem Iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA.

Para que me desculpem tambem os meus deffeitos, Joana.

JOANA (*fazendo um muxoxo*).

E' o que Iaiá não tem. Oh! Joana sabe conhecer a gente! E então Iaiá, que está mesmo mostrando, o que é, nesse rostinho de prata!

ELISA.

Deixa-te disso, Joana.

JOANA.

Ah! se Iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA.

Assim te podesse eu agradecer, como desejava!

JOANA.

Inda mais, Iaiá?!

ELISA.

Estás brincando! ... Nunca te dei nada.

JOANA.

Então Iaiá! Cuida que é pouco vêr meu nonhô feliz?

ELISA.

Joana!.

JOANA.

Não se zangue, não, Iaiá, com sua mulata velha.

ELISA.

Para que fallas dessas cousas?... Não gosto.

JOANA.

Está bom! Eu callo a bocca. Então elle não merece?

ELISA.

Merece muito mais; porêm.

JOANA.

Ora, Iaiá! Não disfarce!.

ELISA.

Outra vez?

JOANA.

Eu só peço uma cousa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Hade ser uma festa!

ELISA.

Queres que eu me agaste devéras, heim?

JOANA.

Não, Iaiá, não! Más que noivo bonito, e a noiva, hi!.. Feitinhos um para o outro!

ELISA.

Eu te peço, Joana.

JOANA.

Nesse dia... Olhe, Iaiá! Heide pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia. Que pensa! Não faça pouco na sua escrava, Iaiá! Joana tambem já foi moça... sabia riçar o pixaim e bater com o tacão da chinellinha na calçada; só—taco, taco, tataco!... Oh! hei de me lembrar do meu tempo. Se eu já estou chorando de contente! E meu nonhô como não hade ficar alegre!

ELISA.

Não gósto destas graças, já te disse.

JOANA.

Que mal faz? E' uma cousa que hade acontecer.

ELISA.

Estás bem livre!

JOANA.

Se Iaiá não pagasse a meu nonhô todo o bem que elle lhe quer...

ELISA.

Que farias?

JOANA.

Eu Iaiá?... Nada! Que póde fazer uma escrava? Mas Iaiá era ingrata!

ELISA.

Pois serei.

JOANA.

Iaiá jura?... (*muxoxo*) Não é capaz!... Nem que esse coração não estivesse ahi saltando!

ELISA.

Se continuas. Vou-me embora! (*Batem*).

JOANA.

Querem vêr que é nonhô!

ELISA.

Bico! . Ouviste?

JOANA.

Joana sabe guardar um segredo, Iaiá.

SCENA V.

AS MESMAS E JORGE.

JORGE.

Como passou, D. Elisa?... Ah! Joana está lhe fazendo companhia!

ELISA.

Veio conversar comigo.

JORGE.

Quando precise de mandar por ella fazer alguma cousa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA.

Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANA.

Eu não lhe disse, Iaiá?

JORGE.

O que?

JOANA.

Não vê, nonhô, que estes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericordia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE.

Tu és sempre bôa, Joana!

JOANA.

Não diga isso, nonhô!

JORGE.

Digo, sim!—D. Elisa, creio que minha mãi, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãi, que me crebu.

JOANA.

Hô gente, nonhô! Isso são modos de tratar sua escrava?

ELISA.

O Sr. tem razão, Sr. Jorge.

JOANA.

Não tem! Não tem!

ELISA.

Basta ouvil-a fallar do Sr.

JORGE.

Ah! Ella fallou-lhe de mim? Que disse?.

JOANA.

Nada, nonhô.

ELISA.

Em outras palavras, o que o Sr. acaba de repetir.

JOANA.

Iáiá!... Eu disse que queria bem a meu senhor, como uma escrava póde querer... só!

JORGE.

Como uma escrava!... Sentes ser captiva, não é?

JOANA.

Eu!... Não, nonhô! Joana é mais feliz em servir seu senhor, do que se estivesse forra.

JORGE.

Bem sabes! Hoje é o dia de meus annos. Tenho um presente para ti.

JOANA.

Nonhô já me deu um este mez.

JORGE.

Não faz mal. Podesse eu dar-te quantos desejo.— Vamos á nossa licção, D. Elisa?

ELISA.

Quando o Sr. quizer.

JOANA.

E eu vou cuidar da minha cusinha.

—

SCENA VI.

JORGE E ELISA.

JORGE.

Acho-a triste hoje.

ELISA.

E' engano seu. Nunca fui alegre.

JORGE.

Perdão! Quando a conheci, a Sra. tinha mais vivacidade do que tem hoje. Tambem não se diverte, n passeia.

ELISA.

Sou pouco amiga de passeiar.

JORGE.

Mas é necessario ter uma distracção.

ELISA.

Tinha uma de que muito gostava.

JORGE.

Qual?

ELISA.

A musica, mas.

JORGE.

Mas tambem enfastia. Não é?

ELISA.

A mim, nunca.

JORGE.

Pois está em suas mãos cultival-a.

ELISA.

Se estivesse! ...

JORGE.

Não a comprehendo.

ELISA.

Escute, Sr. Jorge. Ha dias que tenciono dizer-lhe... porém falta-me o animo.

JORGE.

O que?... Diga, D. Elisa.

ELISA.

Não posso continuar com as licções.

JORGE.

Ah!. Tem outro mestre?

ELISA.

Não seja injusto! Que melhor mestre podia achar do que o Sr.?. Eu é que não quero mais estudar.

JORGE.

Porque, minha Sra?

ELISA.

Não lhe posso dizer.

JORGE.

Desculpe, se commetti uma indiscrição.

ELISA.

Nem uma. . E demais, é preciso que o Sr. saiba. Meu pai não póde. pagar-lhe.

JORGE.

A Sra. me offende, D. Elisa! Exigi alguma cousa?

ELISA.

Oh! não! E é por isso que lh'o disse. Já lhe devemos seis mezes...

JORGE.

Não falle n'isto! Nunca foi minha intenção receber paga de tão pequeno serviço. Ao contrario, tinha-me por feliz em poder prestal-o.

ELISA.

Mas eu é que não devo.

JORGE.

Porque me recusaria isto?... Assim, fique tranquilla. Continuaremos com as nossas licções.

ELISA.

Como?... Não tenho piano.

JORGE.

E este?

ELISA.

Meu pai quer vendel-o. . Precisa. .

JORGE.

E' só esse o motivo? . Eu lhe emprestarei o meu. Nunca toco.

ELISA.

Ainda quando acceitasse, que não devia, o seu delicado offerecimento, Sr. Jorge, era impossivel continuar.

JORGE.

Entendo, D. Elisa. A Sra. procura um pretexto para despedir-me; e eu estou torturando-a com a minha insistencia.

ELISA.

Sr. Jorge!..

JORGE.

Desculpe. Se tivesse percebido, ha muito que me teria retirado.

ELISA.

Meu Deus! Não me obrigue a confessar-lhe tudo!

JORGE.

Adeos, minha Sra.!

ELISA.

Mas, Sr. Jorge.

JORGE.

Tenho a consciencia de que nunca lhe faltei ao respeito que devia.

ELISA.

Pois bem!.. O Sr. quer.. Eu preciso trabalhar! Preciso ganhar para viver!

JORGE.

A Sra., D. Elisa?

ELISA.

Bem vê que não tenho nem tempo, nem vontade para estudar!

JORGE.

Perdoe-me! Estava tão longe de suspeitar!

ELISA.

Ainda suppõe que seja um pretexto?

JORGE.

Esqueça o que lhe disse.

ELISA.

Só me lembro do que lhe devemos (*Pausa*).

JORGE.

Ouça-me, D. Elisa, e sirvam-me as suas lagrimas de testemunhas perante Deos. Ha muito tempo que trabalho para conseguir uma posição digna de lhe ser offe-

recida. Quer dar-me o direito de partilhar a sua sorte?... Responda-me! Eu lhe supplico!

ELISA.

Não!... Não posso responder-lhe!... Nem acceitar.

JORGE.

Porque é pobre?... Tambem eu o sou! Seremos dous a lutar.

ELISA.

Meu pai... lhe dirá... Eu não!

JORGE.

Era minha intenção fallar-lhe; mas antes quero o seu consentimento. Recusa-me?

ELISA.

Não sei!

JORGE.

Elisa!...

ELISA.

Falle!...

JORGE.

Obrigado, minha mulher!...

ELISA.

Não me chame assim!

JORGE.

Esse titulo me impõe o dever de fazer a sua felicidade, e me dá o direito de velar sobre a sua existencia.

ELISA.

Se meu pai não se oppuzer.

JORGE.

Ainda quando elle se opponha, Elisa. Não contrariaremos a sua vontade, não esqueceremos os nossos de-

'es ; mas a alliança pura de duas almas que se com-
›hendem, tem a sua religião.

ELISA.

E' meu pai !...

JORGE.

Vem a proposito.

ELISA.

Mas não lhe falle agora, não.

SCENA VII.

OS MESMOS E GOMES.

JORGE.

Bom dia, Sr. Gomes ! .

GOMES.

Ah !... Como passou, Sr. Jorge ?... Desculpe ! Não o
ıha visto (*senta-se distante*).

JORGE.

Permitte que continuemos ?

GOMES.

Pois não !

JORGE (*a Elisa*).

Não quer dar a sua licção ?

ELISA (*a meia voz*).

Não posso cantar agora !... Não vê como estou toda
emula !

JORGE.

Pois toque um pouco.

GOMES (*sentindo a falta do relogio*).

Ah !... Que horas são ?... Deixei o meu relogio a con-
ertar.

JORGE.

Nove e vinte.

GOMES.

Já ?... Não chega !... Que martyrio !...

ELISA.

Que tem, meu pai ?

GOMES.

Nada ! Deixa-me ! Estou afflicto !... Espero uma resposta.

ELISA.

Vm. está tão descorado !

GOMES.

E' o calor... o cançaço, talvez ! Não te inquietes.

JORGE (*a Elisa*).

Seu pai está incommodado. Naturalmente deseja ficar só. Até logo.

ELISA.

Sim ! Até logo.

JORGE.

Não se esqueça que me deu o direito de viver para a sua felicidade.

ELISA.

E' cousa que se esqueça nunca ?

JORGE.

Se houver alguma novidade, mande-me chamar.

ELISA.

Immediatamente.

JORGE.

Sr. Gomes !...

GOMES.

Já vai ?

JORGE.

Quando poderei fallar-lhe hoje, que menos o incommode?

GOMES.

A' tarde.. ou á noite.

JORGE.

Eu passarei á noite. (*Volta*) Uma carta que acabam de entregar.

GOMES.

Ah!...

SCENA VIII.

GOMES E ELISA.

GOMES (*lendo*).

« Sinto muito... porém... as minhas circumstancias... » E' o que todos respondem!... Infames! Não se lembram que se hoje lhes peço as migalhas, já lhes dei a abastança.

ELISA.

Que diz essa carta, que o agonia tanto, meu pai?

GOMES.

O que hade ser, minha filha?!... Mais um ingrato a quem estendo a mão e que me repelle com o pé.

ELISA.

Não lhes peça nada!... Olhe: o nosso trabalho bastará para vivermos! Guarde o seu ordenado para pagar a casa e vestirmos. Eu não preciso de nada. Das minhas costuras tirarei o necessario para os gastos diarios.

GOMES.

Não te illudas, Elisa! Pódes te matar, mas não farás impossiveis.

ELISA.

Hade vêr.

SCENA IX.

OS MESMOS E VICENTE.

VICENTE.

O Sr. Gomes, empregado publico.

GOMES.

Que deseja?

VICENTE.

E' V. S.?

GOMES.

Um seu criado.

VICENTE.

Então permitta... Cito-o pela petição *supra* e seu despacho, do theor seguinte:—« Illm. Sr. Dr. Juiz Municipal da 3.ª vara. Diz. . »

GOMES.

Peço-lhe que me dispense dessa formalidade.

VICENTE.

Prescinde da leitura, neste caso?

GOMES.

Sei de que se trata. E' do meu senhorio?

VICENTE.

Justamente! Mandado de despejo, dentro de 24 horas, por não pagamento de alugueis.

ELISA.

Meu Deus!

GOMES.

Estou sciente, Sr.

ELISA.

Mas então, meu pai? ...

GOMES.

Tudo nos persegue, minha filha.

VICENTE.

V. S. tem á mão papel e tinta para passar a contra-fé. senão dou um pulo á venda defronte.

ELISA.

Aqui tem, Sr.

VICENTE.

Qualquer penna serve.

ELISA.

O Sr. não poderá fazer alguma cousa a favor de meu pai?

VICENTE.

Sou suspeito, Sra. Dona. . . Official do juizo!

ELISA.

Então amanhã vem deitar-nos fóra de casa?

VICENTE.

Qual!... O Sr. seu pai não tem advogado?... E' pedir vista. . embargos. aggravo. . Lá o Dr. sabe bem disso! Tem chicana para um anno!

ELISA.

Ouve, meu pai?— Ainda ha remedio.

GOMES.

Se eu tivesse dinheiro para pagar a advogados... Mas nesse caso pagaria antes ao meu credor, cuja divida é justa.

VICENTE.

E' V. S. o primeiro réo que o confessa!

SCENA X.

OS MESMOS E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Com licença!

GOMES.

Quem é?

ELISA.

Ah! E' o Sr., que ha pouco o procurou, meu pai.

PEIXOTO.

Finalmente achei-o em casa.

GOMES.

Sr. Peixoto, não me nego a pessoa alguma.

PEIXOTO.

Não digo o contrario, mas é difficil de encontrar.

VICENTE.

V. S. paga a contra-fé?

ELISA.

Quanto é?

GOMES.

Não tenho com que pagar, Sr.

VICENTE.

Bem. E' só para declarar.

PEIXOTO.

Hum! Já lhe anda esta gente por casa. Máu signal!

VICENTE.

Viva, Sr. Peixoto! (*a Gomes*) Aqui tem!

GOMES.

Não preciso deste papel.

VICENTE.

Em todo o caso ahi fica. A's ordens! Queira desculpar!

PEIXOTO (*á meia voz*).

Que foi isso?

VICENTE (*idem*).

Despejo!

PEIXOTO.

Máu!

GOMES.

Elisa, vai para dentro. Deixa-me conversar com o Sr.

SCENA XI.

GOMES E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Sabe o que me traz aqui?

GOMES.

Sim, Sr. Não lhe posso pagar.

PEIXOTO.

Essa é boa! Porque?

GOMES.

Porque não tenho dinheiro.

PEIXOTO.

Veremos.

GOMES.

Em quanto conservei uma esperança, pedi-lhe que tivesse paciencia. Hoje nada espero; nada peço.

PEIXOTO.

Que fez do ordenado?

GOMES.

Descontei-o seis mezes adiantados para viver.

PEIXOTO.

A sua mobilia?

GOMES.

Já não é minha. A pessoa que a comprou, deixou-me alugada; e como não lhe tenho pago os alugueis, vem buscal-a amanhã.

PEIXOTO.

E os escravos que possuia?

GOMES.

O ultimo sahio desta casa sob o pretexto de ir para a Misericordia, a fim de que minha filha ignorasse. Foi penhorado!

PEIXOTO.

Mas ha pouco vi aqui uma mulata.

GOMES.

Era talvez a escrava de meu visinho do 2.° andar.

PEIXOTO.

Ah! E' verdade. Conheço-a! Do Sr. Jorge?

GOMES.

Sim, Sr.

PEIXOTO.

Assim, nada lhe resta?

GOMES.

Nada absolutamente! Estou na miseria!

PEIXOTO.

Pois não sei como hade ser. Não estou disposto a perder o meu dinheiro.

GOMES.

Se eu pudesse vender-me para pagar-lhe, creia que não hesitaria. Não posso. Que heide fazer?

PEIXOTO.

O Sr. não sabe?

GOMES.

Sei!

PEIXOTO.

E' arranjar dinheiro, se não quer ir parar á cadeia.

GOMES.

O Sr. insulta-me!

PEIXOTO.

Se acha que isto é um insulto, nesse caso é a lei, não sou eu, quem o insulta.

GOMES.

Commetti algum crime?... E' culpa minha se não tenho com que pagar-lhe?...

PEIXOTO.

Se fosse só isso!

GOMES.

Explique-se!

PEIXOTO.

E' muito simples. O Sr. negociou comígo uma letra de 500$ rs. Tinha o seu aceite; mas estava sacada e endossada pelo Sr. Francisco de Faria, negociante desta praça.

GOMES.

E o Sr. deu-me por ella 400$ rs., dos quaes ainda tive de pagar 50 ao Sr. Faria.

PEIXOTO.

Esta não é a questão. O saque e o endosso são falsos.

GOMES.

Falsos!...

PEIXOTO.

Faria nunca sacou letras.

GOMES.

Mas então quem era a pessoa com quem tratei?

PEIXOTO.

E' cousa que não me interessa. O Sr. responderá á policia.

GOMES.

A' policia?... Eu!

PEIXOTO.

Está bem visto!... A letra foi negociada com o Sr. Tenho testemunhas. Que me importa essa pessoa?

GOMES.

Mas, Sr., não é possivel!... Não se condemna assim um homem, que não tem notas na sua vida.

PEIXOTO.

Sr. Gomes, acabemos com isto! .. Não lhe quero fazer mal; porém, se ás 5 horas da tarde o Sr. não tiver o dinheiro para pagar-me, ás 6 apresento a letra na policia.

GOMES.

Dê-me tempo ao menos para procurar o homem com quem tratei.

PEIXOTO.

E o Sr. tratou com alguem?

GOMES.

Infame!... Duvída de minha palavra!

PEIXOTO.

Ah! Quer brigar? Não estou disposto. Até as 5 horas (*sahe*).

GOMES.

Meu Deus! Condemnado como um falsario!... Não! Já resisti por muito tempo!

SCENA XII.

GOMES E ELISA.

ELISA.

Meu pai!...

GOMES.

Tu ouviste, minha filha?

ELISA.

Ouvi tudo.

GOMES.

Pois então ouve o resto.

ELISA.

Socegue primeiro.

GOMES.

Não ha socego nestes transes. Acabas de saber que estamos na miseria; nada temos, nada devemos esperar. Mas isto não era bastante; ahi vem a deshonra coroar a miseria.

ELISA.

Mas o que disse aquelle homem é uma mentira, não é?

GOMES.

Tu duvidaste um momento da probidade de teu pai?

ELISA.

Oh! Não, não!

GOMES.

Se eu quizesse, já não digo roubar, mas transigir com a minha consciencia, os que agora nos desprezam, ahi estariam ainda nos importunando com a sua amizade fingida e hypocrita.

ELISA.

Não se deffenda, meu pai. Eu creio na sua honra, como creio em Deus. Se lh'o perguntei é porque desejava ouvir de sua boca o desmentido de semelhante calumnia. (*Pausa*).

GOMES.

Elisa, minha filha! ... Este ultimo golpe é mais forte que a minha razão. Muitas vezes já a minha coragem vacillou encarando a miseria: um projecto louco me passou pelo espirito, e esteve bem prestes a realisar-se. Resisti, lembrando-me de ti. A' vergonha, á infamia, minha filha, não posso ... não sei resistir!

ELISA.

Não pense nisto, meu pai.

GOMES.

Quando não se pode viver honrado, morre-se!

ELISA.

Quer-se matar!

GOMES.

Isto é vida?

ELISA.

Meu Deus! ... Por piedade!

GOMES.

E' necessario!

ELISA.

E eu, e sua filha? ... Deixa-a ao desamparo?

GOMES.

Preferes que a arraste á vergonha? ... Não sentes que vaes perder teu pai? ... Escolhe! Vêl-o infame nas galés, ou choral-o morto, porém honrado.

ELISA.

Mas ainda pode salvar-se!. . Não ha de ser condemnado, não!

GOMES.

Reflecti, Elisa. Que defeza tenho eu? ... A minha palavra. E isto basta? Sem dinheiro, sem amigos? . . . Só me resta uma esperança; e é que esse homem não cumpra o que disse. Mas essa. Não acredito n'ella.

ELISA.

Porque? ... Esse homem deve ter um coração! Eu lhe supplicarei de joelhos.

GOMES.

Tu sabes se te quero, Elisa, e com que extremos te amo. A unica dôr que levo desta vida é deixar-te! . Uma menina de 18 annos, sem pai, sem mãi, ao desamparo, é um anjo perdido neste mundo torpe. Toda a sua virtude não basta ás vezes para deffendel-a. Succumbe á necessidade implacavel. .

ELISA.

E quer me abandonar!

GOMES.

Sou eu que te abandono, Elisa, ou é a fatalidade que me arranca de teus braços?

ELISA.

Deus se hade condoer de nós!

GOMES.

Se te sentes com força de lutar, minha filha, talvez a felicidade te depare um homem que te ame, e proteja a tua orphandade.

ELISA.

E porque não nos protegerá a ambos?

GOMES.

Eu já não preciso, senão do perdão do Senhor e do teu.— Se porêm te sentes fraca. Não te aconselho Não digo que o faças... Segue o impulso de tua alma.

ELISA.

Acabe, meu pai!

GOMES.

O que ficar deste vidro.

ELISA.

Ah!

GOMES.

E' a unica herança de teu pai, Elisa.

ELISA.

Oh! sim! Morreremos juntos!

GOMES.

Não! Foi uma loucura!... Esquece o que te disse!.. Tu ainda podes ser feliz, minha filha! ..

ACTO SEGUNDO

Em casa de Jorge. Sala simples mas elegante.

SCENA I.

JOANA E VICENTE.

VICENTE.

Como vai isto por cá?

JOANA.

Oh! Bilro!... Vamos indo, como Deus é servido!

VICENTE.

Ha saude e patacos, é o que se quer.

JOANA.

Saude não falta, não, Bilro. No mais vai-se vivendo, como se pode.

VICENTE.

Olhe, Sra. Joana... Ha muito que estou para lhe pedir uma cousa.

JOANA.

Sra. Joana!... Estás doudo, Bilro?

VICENTE.

Não, mas é que... Sim... Bem vê que tenho hoje uma posição... E este modo de chamar a gente de Bilro...

JOANA (*rindo*).

Ah! ah! ah!. . Então porque és pedestre, ou meirinho. Não sei o que!

VICENTE.

Menos isso! Official de justiça!

JOANA.

Pois que seja. . Official da justiça, ou da injustiça... Porque és isto, julgas que ficas deshonrado se eu te chamar Bilro?... Ora, não vejam só este meu senhor! Que figurão! ... V. S. faz obsequio... ou V. Ex.? ... Queira ter a bondade... Por quem é... Sr. Vicente ...

VICENTE.

Romão... Romão ...

JOANA.

Sr. Vicente Romão. Queira desculpar!... sem mais aquella.

VICENTE.

Está zombando.

JOANA.

Hô!... Não é assim que devo tratal-o?...

VICENTE.

Toma o recado na escada Eu por mim não me importava; mas fallam.

JOANA.

Pois olha! Cá comigo está se ninando!... Eu te conheci assim tamaninho, já era rapariga, mucama de minha senhora moça, que Deus tem, e foi sempre Bilro para lá, tia Joana para cá. Se quizeres hade ser o mesmo... senão, passar bem. Ninguem habe morrer por isso.

VICENTE.

Mas, Joana.

JOANA.

Tia Joana !

VICENTE.

Está bom, para fazer-lhe a vontade... Tia Joana !... Não era melhor que a gente se tratasse como os outros ?...

JOANA.

Não sei se é melhor, se não... Quando te vir heide chimpar-te com o Bilro na venta.

VICENTE.

Não tem graça nem uma.

JOANA.

Se te parecer não responde ; é o mesmo.

VICENTE.

Em teima ninguem lhe ganha !... Não vê que é preciso a gente dar-se a respeito.

JOANA.

Dá-te a respeito lá com as outras. Comigo estás bem aviado.

VICENTE.

Pois é isto que eu quero ! Não me entendeu... Diante dos outros a senhora... a tia Joana que lhe custa me chamar Vicente ?

JOANA.

Diante dos outros ?... Pois sim ! Mas olha que é Vicente só !

VICENTE.

Vicente Romão. E' mais cheio.

JOANA.

Uma figa !... Nem Romão, nem senhor ! Vicente.

VICENTE.

Em fim! Era melhor o nome todo... Não quer! Que se lhe hade fazer!

JOANA.

Então não perguntas por Nhonhô Jorge?

VICENTE.

Ia perguntar; mas Vmc ..

JOANA.

Vmc.... Hein... Bilro...

VICENTE.

Você me atrapalhou, tia Joana. Como está elle, o Sr. Jorge? Está bom?

JOANA.

Bom e crescido que faz gosto... Se tu o vires!

VICENTE.

Não ha quinze dias que estive com elle.

JOANA.

Pois faz sua differença!... Todos os dias parece que fica mais alto e mais serio... Eu acho elle tão bonito, meu Deus!

VICENTE.

Podera não! Você o criou!

JOANA.

E tu não achas?

VICENTE.

Então! E' preciso que diga.

JOANA.

Já lhe sahio todo o buço.

VICENTE.

Tambem elle já anda rastejando pelos vinte e um.

JOANA.

Completou hoje, Bilro.

VICENTE.

E' verdade. — Ora tia Joana! Já estamos ficando velhos. Inda me parece que foi outro dia que você dava de mamar a elle.

JOANA.

Como me lembra!... Eu tinha dezessete annos, e tu eras um pirralho de oito. Vinhas bulir com elle no meu collo; e como eras muito travesso nós te começámos a chamar Bilro. Nunca estavas quieto!

VICENTE.

E aquella vez que um sujeito fez-me por força levar-lhe um recado... Quando a gente é criança faz cada uma!

JOANA.

Doeu-te o puxão de orelha que te dei?

VICENTE.

Oh! se doeu!... Tambem nunca mais!

JOANA.

E perdias teu tempo!

VICENTE.

Lá isso eu sempre disse... Nunca houve mulatinha que se desse mais a respeito do que tia Joanna. Pois em casa punham a boca em todos; mas della não tinham que mexericar.

JOANA.

Não falla mais n'isso, Bilro. A gente tem vontade de chorar.

VICENTE.

E mesmo, tia Joana. Bom tempo! Sr. Dr. só fazia ralhar. Tirante disso, era bom amo.

JOANA.

Tens tido noticias delle?

VICENTE.

Depois que foi viajar, nunca mais soube por onde anda.

JOANA.

E a comadre Rosa que elle vendeu a um homem da Rua da Alfandega?

VICENTE.

Essa morreu... O André está chocheiro na praça.

JOANA.

Cada um para sua banda.

VICENTE.

Vou indo tambem para a minha. Adeos, tia Joana.

JOANA.

Agora até quando?

VICENTE.

Não sei! Hoje como tive que fazer por aqui, então disse cá com os meus botões: — Deixa-me ver a tia Joana.—Já vi... Estão batendo.

JOANA.

Vê quem é.

VICENTE.

Póde entrar.

SCENA II.

OS MESMOS E DR. LIMA.

DR. LIMA.

Ainda se lembram por aqui do amigo velho?

JOANA.

Ah! Meu Sr., Dr. Lima! Ha que annos!...

VICENTE.

Sr. Dr.!...

DR. LIMA.

Esqueceste que parti para Europa.

JOANA.

Não esqueci, não... meu senhor. Ainda há pouco estava fallando nisso.

DR. LIMA.

Cheguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge?

JOANA.

Sahio. Que alegria elle vai ter!... Mas como meu senhor acertou com a casa?

DR. LIMA.

Custou-me!... Já andei por ahi á matroca. Na Rua do Conde é que me ensinaram.

VICENTE.

O visinho de defronte?

DR. LIMA.

Justamente! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANA.

O ciganinho, pagem de meu senhor...

DR. LIMA.

Ah! O grande Bilro!

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. Dr.

DR. LIMA.

Como vais?... Que fazes?... Estás mais bem comportado?

JOANA.

E' official de justiça.

DR. LIMA.

Escolheste um bom emprego, Bilro.

VICENTE.

Vicente Romão, Sr. Dr. Mas então V S. acha?

DR. LIMA.

O que, homem?.

VICENTE.

Bom, o meu emprego?

DR. LIMA.

De certo! Precisas viver bem com a justiça.

VICENTE.

Peço vista para embargos, Sr. Dr.; não tenho culpas no cartorio.

DR. LIMA.

Bem mostras que és do officio!

VICENTE (*a Joana*).

E' preciso perder esse máo costume de chamar a gente da ciganinho. Ouvio?!

JOANA.

Ai! .. Começas outra vez com as tuas empolias.

VICENTE.

Que embirrancia!...

DR. LIMA

Que é isso lá? Assim é que festejam a minha chegada?

JOANA.

E' Bilro que...

VICENTE.

Não é nada Sr. Dr.; V S. me dê as suas ordens.

DR. LIMA.

Vai-me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE.

Obrigado, Sr. Dr. Até mais ver, tia Joana.

SCENA III.

DR. LIMA E JOANA.

JOANA.

Meu senhor não quer descançar?..

DR. LIMA.

Recosto-me aqui mesmo, neste sofá.

JOANA.

Já almoçou, meu senhor? Ahi tem café e leite.

DR. LIMA.

Ainda conservo os meus antigos habitos. A's oito horas já estava almoçado.

JOANA.

Quem sabe se meu senhor não quer tomar o seu banho?

DR. LIMA.

Não! Vem cá. Senta-te ahi.

JOANA.

Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

DR. LIMA.

Como vai teu filho?. . Já está um homem?

JOANA.

Meu senhor!... Eu lhe peço de joelhos... Não diga este nome!

DR. LIMA.

Pelo que vejo o mysterio dura ainda!

JOANA.

E hade durar sempre! Meu senhor me prometteu.

DR. LIMA.

Prometti.

JOANA.

Meu senhor jurou!

DR. LIMA.

E' verdade! Mas julgava que na minha ausencia tudo se havia de revelar.

JOANA.

Elle não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deus que não lhe deixe nem suspeitar.

DR. LIMA.

Assim tu ainda passas por sua escrava?

JOANA.

Não passo, não! Sou escrava delle.

DR. LIMA.

Mas Joana! Isto não é possivel!

JOANA.

Meu senhor... Eu já lhe disse !... E não cuide que por ter esta côr não heide cumprir... No dia em que elle souber que eu sou... que eu sou... Nesse dia Joana vai resar no céo por seu Nhonhô.

DR. LIMA.

E porque razão has de fazer uma tal loucura ?

JOANA.

Porque ?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E Vmc. quer que se envergonhe... Que me aborreça talvez !... Meu Deus ! Matai-me antes que eu veja essa desgraça !

DR. LIMA.

E's tu a culpada ?

JOANA.

Não sei, meu senhor, não sei. A's vezes penso... Quando fazem vinte e um annos eu senti o primeiro movimento delle... de meu...

DR. LIMA.

De teu filho. Falla ! Que receio é esse ?... Estamos sós.

JOANA.

Vmc. não sabe que medo tenho de dizer este nome !... Até á noite quando reso por elle baixinho... não me atrevo.. Elle póde ouvir... Eu posso me acostumar...

DR. LIMA.

Mas dizias ?

JOANA.

Ah ! Quando senti o primeiro movimento que elle fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dôr que só

tornarei a ter se elle souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quizesse mal a sua mãi? Deu-me vontade de morrer para que elle não nascesse... Mas isso era possivel?... Não, Joana devia viver!

DR. LIMA.

Foi então que Soares te comprou...

JOANA.

Elle me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dous contos de réis! Eu fui para sua casa. Ahi meu Nhonhô nasceu, e foi logo baptisado como filho delle, sem que ninguem soubesse quem era sua mãi.

DR. LIMA.

Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Se eu o soubesse então!...

JOANA.

Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

DR. LIMA.

Porque já tinha suspeitado...

JOANA.

E por isso só, Vmc. era capaz de affirmar? Não! Quem lhe contou fui eu, com a condicção de não dizer nunca!...

DR. LIMA.

Pois bem, Joana! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para elle a dôr mais cruel quando souber...

JOANA.

Nunca!... Quem vai lhe dizer?... Além de Vmc. e

de mim, só Deus sabe este segredo. Em quanto meu senhor estava fóra eu vivia descançada...

DR. LIMA.

E tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge, não respondo por mim.

JOANA.

Meu senhor, Vmc. teve sua mãi... Lembre-se que dôr a pobre havia de sentir se seu filho tivesse vergonha della!... Não o faça desgraçado! E por causa de quem?... De mim que morreria por elle.

DR. LIMA.

Bem; prometto-te que heide ter coragem! Virei raras vezes aqui. Evitarei o mais que puder... com receio de me trahir.

JOANA.

E' melhor. Até Vmc. se habituar.

DR. LIMA.

Nunca me habituarei!... Tu não sabes como eu te admiro, Joana; e como doe-me no coração ver esse martyrio sublime a que te condemnas.

JOANA.

Eu vivo tão feliz, meu senhor!

DR. LIMA.

Mas que necessidade tinhas de ser escrava ainda? Não podias estar forra?

JOANA.

Eu, meu senhor?... Como?

DR. LIMA.

Com o dinheiro que tiravas do teu trabalho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANA.

Nunca pensei nisso, meu senhor !... Demais, fôrra podiam-me deitar fóra de casa, e eu não estaria mais junto delle. A escrava não se despede.

DR. LIMA.

Mas... Estremeço só com esta idéa !

JOANA.

Qual, meu senhor ?

DR. LIMA.

Suppõe que... te vendiam.

JOANA.

Joana morreria ; porém ao menos deixaria a elle aquillo que custasse... sempre era alguma cousa... Para um moço pobre !

DR. LIMA.

E eu heide estar condemnado a ouvir Jorge agradecer-me a sua educação que elle deve unicamente a ti ; a chamar-me seu segundo pai, ignorando que sua...

JOANA.

Mais baixo !... Não se zangue meu senhor !

DR. LIMA.

Sabes que mais ! Vou-me embora. Voltarei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui. E' uma tortura !

JOANA.

Adeus meu senhor ! Não se agaste comigo.

DR. LIMA.

Não. Quem sabe se tu não tens razão !

JOANA.

Deus dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima. (*Abre a porta*).

SCENA IV

OS MESMOS E JORGE.

JOANA.

Ah !.

DR. LIMA.

E' elle?

JOANA.

Nonhô não conhece, não !... Sr. Dr. Lima !

DR. LIMA.

Jorge !

JORGE.

Ah ! Dr. ! — Quando chegou ?

DR. LIMA.

Hoje mesmo. E' a minha primeira visita.

JORGE.

E devia ser pelo bem que lhe queremos, eu e Joana. Venha sentar-se.

DR. LIMA.

Está um homem !

JOANA.

Não é, meu senhor Dr. ?... E um moço bonito ! Hi ! Faz andar á roda a cabecinha dessas moças todas.

JORGE.

Se lhe der ouvidos, Dr., é um não acabar de elogios !... Mas ha cinco annos que está ausente !

JOANA.

Hade fazer pela Paschoa.

DR. LIMA.

E' verdade. — Deixei-o quasi criança... Tinha dezesseis annos. Acabou os seus estudos naturalmente?

JORGE.

Ainda não.

JOANA.

E' o melhor estudante. Não sou eu que digo!... São os mestres delle.

DR. LIMA.

Sempre foi... Que profissão escolheu?

JORGE.

Segui o seu conselho... Estudo medicina; estou no 5.° anno.

DR. LIMA.

E de fortuna... Como vamos?

JORGE.

O necessario. As minhas lições...

DR. LIMA.

Ah! Dá lições?... De que?

JORGE.

De musica e de francez.

DR. LIMA.

Lembro-me que tinha muita disposição para o piano. Cultivou essa arte?

JOANA.

Toca que faz gosto!... Vmc. hade ouvir.

DR. LIMA.

Sem duvida. E quanto lhe rendem as lições?

JORGE.

Uns cem mil réis por mez.

DR. LIMA.

E' pouco.

JORGE.

Faço tambem algumas traducções que me deixam ás vezes um extraordinario. Joanna por seu lado ganha...

JOANA.

Quasi nada, Nonhô! Já estou velha. Não coso mais de noite.

JORGE.

Nem eu quero. Foi de passares as noites sobre costura que ias perdendo a vista.

DR. LIMA.

Faz bem em tratal-a com amizade, Jorge. E' uma boa...

JOANNA.

Sou uma escrava como as outras.

JORGE.

E's uma amiga como poucas se encontram.

JOANA.

Ora, Nonhô!...

JORGE.

Sabe Dr.! Creio que foi Deus que o enviou hoje a esta casa.

DR. LIMA.

Porque razão, Jorge?

JORGE.

Eu lhe digo... Vem cá Joana!... Mais perto!... Quero contar-te uma historia.

JOANA.

Mas... Eu vou dar uma vista d'olhos lá dentro.

JORGE.

Espera. (*toma-lhe a mão*)

JOANA.

Que é isso, Nonhô? Já se vio... Que modos?

JORGE.

Olhe Dr.! Estou no meio de minha familia. Meu segundo pai, minha segunda mãi! Não conheci os outros.

DR. LIMA.

Jorge, meu amigo!

JOANA.

Para que fallar nestas cousas n'um dia de se estar alegre... Meu senhor Dr. chegou... Nonhô faz annos.

DR. LIMA.

E' verdade!... E' hoje 6 de Fevereiro...

JORGE.

Escolhi justamente este dia para pagar-te uma divida. Quem foi testemunha da dedicação, Dr., verá o reconhecimento.

JOANA.

Nonhô, me dê licença!

JORGE.

Toma, Joana. Eu escrevi-a esta manhã lembrando-me de minha mãi.

DR. LIMA.

Muito bem, Jorge. Deus o inspirou!

JOANA.

Mas o que... Que papel é este, Nonhô?

DR. LIMA.

E' a tua carta de liberdade, Joana!

JOANA.

Não quero! Não preciso!

JORGE.

Não é a tua carta de liberdade, não, minha boa oana; porque eu nunca te considerei minha escrava. ' apenas um titulo para que não te envergonhes mais unca da affeição que me tens.

JOANA.

Mas eu não deixarei a meu Nhonhô?

JORGE.

A menos que tu não o exijas.

JOANA.

Eu!... Que lembrança!

DR. LIMA.

Não faz idéa do quanto me commove esta scena.

JORGE.

As nossas almas se comprehendem, Dr. — Guarda, oana, este papel...

JOANA.

Porque Nonhô mesmo não guarda?

JORGE.

De modo algum. Elle te pertence, manda-o regis-rar em um Tabellião.

DR. LIMA.

E' prudente.

JORGE.

Ha muito tempo, Dr., que tencionava realisar este pensamento. Mas tinha tomado algum dinheiro com hypotheca...

DR. LIMA.

Com hypotheca !... Sobre Joana?

JOANA.

Que mal fazia ?

JORGE.

Conheço, que fui imprudente : mas a necessidade urgia.

DR. LIMA.

Não o censuro, Jorge ! O Sr. não sabia...

JORGE.

O que Dr. ?

DR. LIMA.

Não sabia... Quanto esses emprestimos são perigosos !...

JORGE.

Felizmente já não sou devedor... Nem ao homem que me emprestou... Nem á minha consciencia, que me ordenava désse a Joana essa pequena prova da estima que lhe tenho. Resta-me ainda uma divida... Divida de amizade e gratidão que nunca poderei pagar.

DR. LIMA.

A ella !... Por certo que nunca !

JOANA.

A meu senhor !... A mim não. (*Batem*).

SCENA V.

OS MESMOS E GOMES.

JOANA.

Sr. Gomes!

JORGE.

Tenha a bondade de entrar.

GOMES.

Desculpe se o incommódo, meu vizinho!

JORGE.

Ao contrario, dá-me muito prazer... Porque não se senta?

DR. LIMA (*a Joana*).

Agora podes ficar tranquilla! Terei forças de calar-me.

JOANA.

Meu senhor... Não toque nisto... agora.

DR. LIMA.

Que tem?... Não nos ouvem.

JOANA.

Falle mais baixo!... Pelo amor de Deus!

JORGE (*a Gomes*).

Hoje me pareceu incommodado?

GOMES.

Estou bom!

JORGE.

Mas inda o acho pallido.

GOMES.

Não é nada!

JORGE.

Ainda bem! Quero apresentar-lhe a um amigo que chegou-nos hoje de repente... Devo-lhe mais que a existencia, devo-lhe a educação.

GOMES.

Como?... Perdão! estava distrahido!... Que dizia?

JORGE.

Que desejava apresentar-lhe um amigo.

GOMES.

Ah! com muito gosto.

JORGE.

Dr. Lima!... O senhor estimará fazer o conhecimento de uma pessoa que todos respeitam pela sua honradez... O Sr. Gomes... Empregado publico.

DR. LIMA.

Estimo muito!... Um medico pobre, sem clinica, que esteve cinco annos fóra do seu paiz, de pouco presta, mas póde contar...

GOMES.

Obrigado, Sr. Dr. (*a Jorge*). Porém eu desejava fallar-lhe em particular.

JORGE.

Porque não disse?...

DR. LIMA.

Neste caso eu me retiro.

GOMES.

Não é preciso! Não! Eu voltarei depois.

JORGE.

Para que ter esse trabalho?... O Dr. póde entra um momento.

DR. LIMA.

De certo! Vou ver a casa. Anda, Joana. Vem mostrar-me os teus arranjos.

SCENA VI.

GOMES E JORGE.

GOMES.

Não incommode seu amigo.—Voltarei depois.

JORGE.

Ora, Sr. Gomes, não é incommodo. Estou a sua disposição.

GOMES.

E' verdade que o negocio de que lhe pretendia fallar, é urgente... mas...

JORGE.

Pois então, não ha necessidade de adial-o.

GOMES.

Talvez o senhor estranhe... O passo é improprio, eu conheço...

JORGE.

Falle com franqueza.

GOMES.

Não! Temo abusar... Agradeço-lhe a sua attenção... Outra vez conversaremos. Hoje mesmo... Logo mais.

JORGE.

O Sr. Gomes tem alguma cousa que o inquieta creia que se estiver nas minhas mãos servil-o...

GOMES.

E' engano seu!... Não tenho nada.

JORGE.

Talvez algum embaraço... Sim! Isto não depende de nós... Póde succeder a qualquer... De repente precisamos de algum... dinheiro...

GOMES.

Sr. Jorge! Não vim pedir-lhe dinheiro emprestado! Não é meu costume.

JORGE.

Perdão, Sr. Gomes! Não tive intenção de offendel-o. Estimo-o e respeito muito...

GOMES.

Faço justiça as suas intenções... Mas creia... Se me visse reduzido a essas circumstancias preferiria morrer de fome a tirar esmolas.

JORGE.

A palavra é dura! Recorrer a um amigo não é mendigar.

GOMES.

Não: mas pedir quando não se póde e não se espera pagar... é' mais que mendigar. E' abusar da confiança; é roubar. Bem vê que não seria capaz.

JORGE.

Mas o Sr. Gomes não está nessas circumstancias.

GOMES.

Não devo tomar-lhe o tempo com os meus negocios. O objecto sobre que desejava fallar-lhe... é muito differente.

JORGE.

Pois eu o escuto.

GOMES.

Não! Preciso reflectir ainda.

JORGE.

Mas não poderei saber?...

GOMES.

E' escusado... Permitta-me!

JORGE.

Como quizer.

GOMES.

Passe bem!

SCENA VII.

JORGE, DR. LIMA E JOANA.

DR. LIMA.

Já foi o seu amigo?

JORGE.

Já, Dr.

DR. LIMA.

Examinou-o bem?... Elle tem alguma cousa. Não está no seu estado normal.

JORGE.

Assim me pareceu.

DR. LIMA.

Aconselhe-lhe que se trate.

JORGE.

Hei de procural-o d'aqui a pouco. E' nosso vizinho; mora no primeiro andar... Julgo que tem soffrido desaranjos nos seus negocios.

JOANA.

Iaiá D. Elisa me disse, Nonhô, que elle sempre foi assim triste.

DR. LIMA.

Quem é Iaiá D. Elisa ?

JOANA.

E' a filha do Sr. Gomes.

DR. LIMA.

Bonita ?

JOANA.

Como Nonhô ! Parece que nasceram um para o outr

DR. LIMA.

Ah ! Temos romance ?

JORGE.

Qual, Dr. !... São idéas de Joana.

DR. LIMA.

Havemos de conversar a este respeito. Corri casa. Está bem acommodado... Tem o que é preci para um moço solteiro.

JOANA.

Oh ! Ainda falta muita cousa ! Mas ha de vir co o tempo.

JORGE.

E graças aos teus cuidados.—Mas não te esqueça Joana ! Vai apromptar o quarto do Dr.

JOANA.

Sr. Dr. fica morando aqui ?...

JORGE.

Então !

DR. LIMA.

Já tomei um quarto no Hotel da Europa.

JORGE.

Como Dr. ?... Não esperava.

DR. LIMA.

Desculpe, meu amigo! Tenho os meus habitos. Já estou velho. Não quero nem incommodal-o, nem incommodar-me.

JORGE.

Ao menos ha de jantar comnosco...

DR. LIMA.

Hoje não é possivel.

JORGE.

Ora! Não o deixo sahir. Lembre-se que dia é hoje.

DR. LIMA.

Já me disse. E' o dia de seus annos.

JORGE.

E o da sua chegada... Mas pertence tambem a Joana.

DR. LIMA.

E' verdade.

JORGE (*a Joana*).

Vai! Olha que o Dr. chega da Europa, onde se cosinha perfeitamente. Has de deitar tres talheres.

JOANA.

Nonhô espera mais alguem?

JORGE.

Quantos somos nós?

JOANA.

Nonhô!... Logo não vê!... Joana sentar-se na mesa com seu senhor!... Credo!

JORGE.

Já te disse, Joana!... Aqui não ha nem senhor,

nem escrava... Se me tornas á fallar assim, ralho comtigo.

JOANA.

Será a primeira vez.

JORGE.

E quem terá a culpa?... Anda! Quem desembarca, precisa jantar cedo.

DR. LIMA.

Mas decididamente, Jorge, não posso.

JORGE.

Serio, Dr.?

DR. LIMA.

Se lhe recuso isto, é que tenho um motivo forte.

JORGE.

Neste caso não insisto. (*escreve*)

DR. LIMA.

Outro dia! Breve... Hoje deitarás apenas dous talheres, Joana: um para Jorge e outro para ti.

JOANA.

Não lembre mais isto, meu senhor!

JORGE.

Não acha que deve ser assim?

DR. LIMA.

De certo. (*baixo a Joana*) Senão, fico.

JOANA.

Está bom... Será como Vmc. quizer.

DR. LIMA.

E no jantar hão de beber duas saúdes.

JORGE.

A' sua, Dr !...

DR. LIMA.

A' minha sim, mas em primeiro lugar á de sua mãi.

JORGE.

E á de Joana.

DR. LIMA.

Tambem !

JORGE.

Joana, escuta : — Permitte Dr. ?

DR. LIMA.

Pois não !

JORGE.

Leva esta carta a D. Elisa.

JOANA.

A Iaiá ?... Dê cá, Nonhô.

JORGE.

Não !... Melhor é que eu não lhe escreva.

JOANA.

Que tem isso agora ?

JORGE.

Ella póde offender-se !... Desce e procura saber o ue tem seu pai.

JOANA.

Sim, Nonhô !... Vou já.

JORGE.

Não te demores !

JOANA.

Meu senhor Dr. ainda fica ?

DR. LIMA.

Não. Tambem vou.

JORGE.

Espere um momento.

JOANA.

Sr. Dr. tem que fazer, Nonhô.

JORGE.

Vai, Joana.

DR. LIMA.

Adeus. Basta de massada.

SCENA VIII.

DR. LIMA E JORGE.

JORGE.

Que pressa é essa, Dr.; sente-se.

DR. LIMA.

Teremos muitas occasiões de conversar.

JORGE.

Sem duvida: mas estou impaciente por saber de sua boca o nome de minha mãi.

DR. LIMA.

De... sua mãi?

JORGE.

Sim, Dr.

DR. LIMA.

Tambem eu o ignoro, Jorge.

JORGE.

Mas Dr., eu fui criado em sua casa. Devo-lhe a educação...

DR. LIMA.

Pela ultima vez lhe digo, Jorge... Nada me deve... Nada absolutamente!

JORGE.

Ora, Dr. !...

DR. LIMA.

Dou-lhe minha palavra, e sabe que nunca a dou de balde.

JORGE.

Creio, Dr.

DR. LIMA.

Pois dou lhe minha palavra que nunca despendi um real com a sua educação... Quando o quizesse, não podia... Sou pobre!

JORGE.

Mas então quem pagava as despezas que eu fazia?

DR. LIMA.

Sua mãi.

JORGE.

E a occultam de mim!

DR. LIMA.

Não a conheci... Escute, Jorge. Todo o segredo do seu nascimento é este.

JORGE.

Falle, Dr.

DR. LIMA.

Uma noite fui chamado a toda a pressa para ver meu amigo Soares...

JORGE.

Meu pai!

DR. LIMA.

Quando cheguei, seu pai já estava moribumdo. Ape-

nas me vio, estendeu-me a mão, balbuciando est palavras — meu filho... sua mãi... E expirou.

JORGE.

E nada mais?

DR. LIMA.

Nada mais. Trouxe-o para minha casa, onde Joa o criou.

JORGE.

Joana; a unica herança de meu pai!

DR. LIMA.

A unica!... E' verdade.

JORGE.

Tambem ella ignora!... Mas Dr., não me dis como esses supprimentos se faziam.

DR. LIMA.

De uma maneira muito simples. Quando o senh precisava de roupa, livros ou qualquer objecto, vinha trazel-o á casa...

JORGE.

Quem?...

DR. LIMA.

Caixeiros... alfaiates...

JORGE.

E nunca lhe disseram?

DR. LIMA.

Se elles não sabiam!

JORGE.

Assim estou condemnado a ignorar sempre o nor de minha mãi.

DR. LIMA.

Não se occupe com isto!... Algum dia, quando menos o esperar, ha de saber. Continue a portar-se como homem de bem, e deixe o mais á Providencia.

JORGE.

Mas é triste, Dr.

DR. LIMA.

Quem sabe!... Quantas vezes esse mysterio não é uma felicidade.

JORGE.

Não o percebo.

DR. LIMA.

Quantas vezes a revelação não perturba as relações de pessoas que se estimam, e não acarreta sobre ellas o opprobrio e a deshonra...

JORGE.

E' possivel?... Sacrificar-se o filho ao egoismo...

DR. LIMA.

Não acuse, Jorge.

JORGE.

Tem razão, Dr.

DR. LIMA.

Já se viram pais que se occultaram para não envergonhar os filhos do seu nascimento.

JORGE.

Não diga isto Dr.!... Um filho nunca se póde envergonhar de seu pai!

DR. LIMA.

Mas supponha que elle teve a desgraça de soffrer uma condemnação... Que tornou-se indigno...

JORGE.

Nem assim! Não ha motivo que justifique semelhante ingratidão.

DR. LIMA.

Nem um?...

JORGE.

Nem um, Dr.! Se pois é essa a razão...

DR. LIMA.

Que lembrança!... Foi apenas uma supposição... Já lhe disse quanto sabia.

JORGE.

Dá-me a sua palavra?

DR. LIMA.

Jorge, não se esteja a affligir com estas cousas, que no fim de contas nenhuma influencia tem sobre a vida... Adeus. E' tarde.

JORGE.

Estou convencido agora de que sabe mais do que disse.

DR. LIMA.

Engana-se.

JORGE.

Porque não me dá a sua palavra?

DR. LIMA.

Não vale a pena.

SCENA IX.

OS MESMOS E JOANA.

JOANA.

Ainda está aqui, meu senhor?

DR. LIMA.

Esperava que chegasses.

JORGE.

Então, Joana ?

JOANA.

Já fui, Nonhô.

DR. LIMA.

Meu amigo, o Sr. tem que conversar com Joana. Deixo-o. Até amanhã.

JORGE.

Até amanhã, Dr. Heide procural-o.

DR. LIMA.

Já lhe disse onde estou... Hotel...

JORGE.

Da Europa.

DR. LIMA.

Justo ! Mas não sei se ficarei lá. E' caro para os pobres.

JOANA.

Ora, meu senhor andou viajando.

DR. LIMA

E' o que tu pensas !... Gasta-se por lá metade do que é necessario para viver aqui modestamente. Adeus.

JORGE.

Reflicta no que lhe disse. Faz mal em occultar-me.

DR. LIMA.

Não pense mais nisso.

SCENA X.

JORGE E JOANA.

JOANA.

O que é que o Sr. Dr. não quer dizer a Nonhô?

JORGE.

Uma cousa que não te interessa.

JOANA.

Nonhô não quer que Joana saiba seus segredos... Não pergunto mais.

JORGE.

Não é por isso.

JOANA.

Deve ser assim mesmo, Nonhô... Quem é esta pobre mulata para que Vmc. lhe conte sua vida!

JORGE.

Está bom, Joana! Eu te digo... Perguntei ao Dr quem era minha mãi.

JOANA.

Ah!... E elle?...

JORGE.

Respondeu o mesmo que tu.— Mas que soubeste de Elisa?

JOANA.

De Iaiá D. Elisa...

JORGE.

Já não te lembras?

JOANA.

Lembro, lembro, Nonhô!... Ella está muito triste; porém não quiz dizer porque.

JORGE.

E seu pai ?

JOANA.

Sr. Gomes sahio. Iaiá perguntou se Vmc. estava em casa... Talvez ella queira fallar com Nonhô.

JORGE.

Vou vel-a.

JOANA.

Vá, Nonhô. Como ella ha de ficar contente !

JORGE.

Estás com as tuas idéas.

JOANA.

Pois então, Nonhô !... Aonde é que se vio um parzinho mais igual.

JORGE.

Achas que sim ?

JOANA.

E não sou eu só !... Quando Nonhô descer, cerre a porta. Eu vou enxuguar uma roupa lá dentro. Póde alguem entrar.

SCENA XI.

JORGE E ELISA.

JORGE.

Elisa !

ELISA.

Não me leve a mal, Sr. Jorge.

JORGE.

O que, Elisa ?

ELISA.

Este passo que dei... Se soubesse !

JORGE.

Conte-me !. Que succedeu a seu pai ?

ELISA.

Uma desgraça !... Elle não esteve aqui ?

JORGE.

Ha pouco... bastante perturbado... E não me disse o motivo porque me procurava.

ELISA.

Faltou-lhe a coragem... Meu pobre pai !

JORGE.

O que foi ?... A que vinha elle ?...

ELISA.

Vinha... Vinha pedir-lhe emprestado... Oh ! como lhe custou !

JORGE.

Mas... Porque repellio o offerecimento que lhe fiz...

ELISA.

Teve vergonha de aceital-o... E entretanto era para salvar a sua vida !...

JORGE.

A vida de seu pai ! Como, meu Deus !... Elisa ! Explique-me o que se passa...

ELISA.

Estou tão afflicta... Nem posso fallar... Desculpe, Sr. Jorge !...

JORGE.

Descance um pouco!

ELISA.

Não! desço já. Não devo me demorar aqui!

JORGE.

Tem receio... Não está em sua casa? Esqueceu-se!

ELISA.

Se não tivesse tanta confiança no senhor, subiria aqui?... morreria antes... Veria morrer meu pai! Mas não teria animo...

JORGE.

Diga-me... O que houve?

ELISA.

Meu pai vendeu tudo quanto tinha para pagar as suas dividas...

JORGE.

Socegue! Não lhe faltará o necessario.

ELISA.

Oh! se fosse isto!... Eu posso trabalhar... Mas uma cousa horrivel, uma calumnia... Dizem que meu pai falsificou uma letra!

JORGE.

Ah!

ELISA.

Meu pai, o homem mais honrado...

JORGE.

Incapaz de semelhante acção.

ELISA.

Teme ser condemnado... Diz que não póde resistir á vergonha... Quer matar-se!

JORGE.

Que loucura !

ELISA.

Mas elle o fará ! Olhe !

JORGE.

O que é isto, Elisa ?

ELISA.

Veneno, Sr. Jorge... Veneno que meu pai t comsigo, porque ha muitos dias essa idéa o p gue.

JORGE.

Dê-me este vidro. — Eu fallarei a seu pai.

ELISA.

Não lhe falle, não !... Elle se irritaria... sem dar de tenção. Já suppliquei de joelhos !

JORGE.

Então confessou-lhe...

ELISA.

Tudo... E disse-me que se eu não tivesse f para lutar contra a desgraça, ainda ahi ficaria bas para .. mim !

JORGE.

Cale-se, Elisa.

ELISA.

« E' a unica herança de teu pai ! » — me elle chorando.

JORGE.

Está louco !...

ELISA.

Não, Sr. Jorge ! Elle tem razão ! Devemos m juntos !

JORGE.

Havemos de viver juntos, Elisa. Porque juro que salvarei seu pai! Mas preciso vel-o.

ELISA.

Não lhe diga que lhe contei...

JORGE.

Como saberei as circumstancias do facto que lhe imputam?

ELISA.

Elle mesmo nada sabe... senão que um homem o procurou ha pouco e ameaçou-o de entregar a letra falsificada á policia, se lhe não pagasse hoje ás 5 horas da tarde!

JORGE.

Em quanto monta essa letra?

ELISA.

Em 500$000 rs.

JORGE.

E paga ella, seu pai está salvo?

ELISA.

Da deshonra... e da morte .. sim!

JORGE.

Não tenho agora essa quantia... Mas prometto arranjal-a, Elisa.

ELISA.

Não, não consinto, Sr. Jorge! Não era isso que lhe vinha pedir...

JORGE.

Qualquer estranho o faria para salvar a vida de seu semelhante.

ELISA.

Eu não devia lhe ter dito !... Mas a idéa de ver morrer meu pai !...

JORGE.

Elisa !... Repilla essa idéa !... Confie em Deus !

ELISA.

Em Deus e no senhor !... Quem tenho eu mais na terra, além de meu pai ?

JORGE.

Preciso sahir... D'aqui a uma hora voltarei ! Hei de salval-o !

ELISA.

Vou com essa esperança !...

—

SCENA XII.

JORGE E JOANA.

JORGE.

Quinhentos mil réis !...

JOANA.

O que é, Nonhô !

JORGE.

Deixa-me !...

JOANA.

Meu Deus !... Perdão !... Que lhe fiz eu, Nonhô ?

JORGE.

Nada.

JOANA.

Contaram-lhe alguma cousa !... Não acredite !...

JORGE.

Em que?

JOANA.

Não acredite no que lhe disseram!

JORGE.

E tu sabes o que me disseram?

JOANA.

Não!... não sei... Mas não é verdade!... Eu lhe juro, Nonhô.

JORGE.

Não te entendo, Joana! Perdeste a cabeça.

JOANA.

Mas... Que tem Nonhô então?

JORGE.

Estou desesperado!...

JOANA.

Porque?

JORGE.

Preciso de dinheiro... e não sei como hei de obtel-o! (*sahe*).

JOANA.

Ah!

ACTO TERCEIRO

Em casa de Jorge. A mesma sala.

SCENA I.

JORGE E JOANA.

JORGE.

O Dr. não veio ?...

JOANA.

Depois que Nonhô sahio ?... Não !

JORGE.

Já não sei o que faça !

JOANA.

Nonhô não achou o dinheiro de que precisa ?

JORGE.

Qual !... Fui ao Dr., não estava... Deixei-lhe uma carta. Procurei um homem que me costumava emprestar ás vezes... Exige penhor... Que posso eu dar ?... Só tenho esta mobilia !

JOANA.

Mas a casa ha de ficar sem trastes ?

JORGE.

Que remedio, Joana !... Prometteu vir d'aqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer estas cadeiras ?... Uma bagatela... cem mil réis ?

JOANA.

Vale muito mais !...

JORGE.

O meu relogio deu-me apenas cincoenta !

JOANA.

Nonhô foi empenhar o seu relogio ?...

JORGE.

Que havia de fazer.

JOANA.

Jesus !... Que pena !... Mas Sr. Dr. já ha de ter recebido a carta ?... Não deve tardar por ahi.

JORGE.

E' a minha unica esperança.

JOANA.

Em quanto elle não chega, venha jantar, Nonhô ; são mais de 3 horas.

JORGE.

Não quero jantar agora, Joana... Estou fatigado... inquieto... Depois.

JOANA.

Almoçou tão pouco !

JORGE.

Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANA.

Nonhô não se agasta, se eu lhe perguntar uma cousa ?...

JORGE.

Podes perguntar.

JOANA.

Não é só para saber, não... E' que talvez Joana possa remediar... Esse dinheiro de que Nonhô precisa para que é?...

JORGE.

Se o segredo me pertencesse, eu t'o diria.

JOANA.

Ah! E' um segredo... Mas precisa mesmo?...

JORGE.

Daria metade da minha vida para obtel-o.

JOANA.

Pois, então, Nonhô, fique descançado! Tudo se ha de arranjar.

JORGE.

Como, Joana?... Porque meio?

SCENA II.

OS MESMOS E DR. LIMA.

JORGE.

Ah! E' o Dr!...

JOANA.

Elle mesmo!...

DR. LIMA.

Apenas recebi a sua carta, metti-me n'um tilbury e aqui estou. Que temos?

JORGE.

Creia, Dr., que só uma circumstancia extraordinaria me obrigaria a recorrer á sua amizade.

DR. LIMA.

Nada de preambulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE.

Preciso, Dr...

DR. LIMA.

De que? Não se vexe!

JORGE.

Talvez repare...

DR. LIMA.

Precisa de dinheiro... Não é?

JORGE.

E' verdade.

DR. LIMA.

De quanto?

JORGE.

De 500$000 rs... Reconheço que é uma quantia avultada...

DR. LIMA.

Até ahi chegam as minhas forças. Amanhã lh'os trarei.

JORGE.

Amanhã?...

DR. LIMA.

Apenas tire o meu fato da Alfandega.

JOANA.

Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE.

Mas eu preciso para hoje ás 4 horas sem falta.

DR. LIMA.

Eis o que é impossivel. Tres e dez... A Alfandega está fechada... os meus papeis estão na mala... A ninguem conheço... Entretanto vou tentar.

JORGE.

Inda mais incommodo !... Com effeito, o Sr. deve fazer bem triste idéa de mim !

DR. LIMA.

Jorge !... Não me offenda !

JORGE.

Parece que o estava esperando para importunal-o... Mas quando souber o motivo me desculpará.

DR. LIMA.

Não quero que m'o declare ; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE.

Muito obrigado !

DR. LIMA.

Não percamos tempo. Si não estiver aqui ás 4 horas, é que nada consegui.

SCENA III.

JORGE E JOANA.

JORGE.

Está acabado !... Morrerei tambem !

JOANA.

Nonhô ! Não diga isso !... Ha de ter esse dinheiro.

JORGE.

A ultima esperança foi-se !

JOANA.

Ainda não, Nonhô ! Não é de 500$000 rs. que precisa?

JORGE.

Onde irei eu achal-os ?

JOANA.

Mas... sua mulata assim mesmo velha, ainda vale mais do que isso.

JORGE.

Que queres dizer, Joana ?

JOANA.

Nonhô não me deu este papel?... Eu não careço delle!

JORGE.

A tua carta !... Estás louca ?

JOANA.

Ouça, Nonhô...

JORGE.

Não quero ouvir nada.

JOANA.

Mas Nonhô prometteu dar esse dinheiro.

JORGE.

Prometti...

JOANA.

Então ! Ha de faltar á sua palavra... E fallar em morrer...

JORGE.

Queres que para evitar um mal, commeta um crime ?... Que roube a liberdade que te dei ?...

JOANA.

Nonhô não rouba nada!... Eu é que não quero... Não pedi!...

JORGE.

Que importa?... O que dei não me pertence.

JOANA.

Pois eu não aceito! Veja...

JORGE.

Que vais fazer?

JOANA (*rasgando o papel*).

Nonhô não ha de me obrigar... Não sou forra!... Não quero ser!... Não quero!... Sou escrava de meu senhor!... E elle não ha de padecer necessidades!... Tinha que vêr agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para cousa alguma... E meu Nonhô triste e agoniado.

JORGE.

Não recebo o teu sacrificio. E' excusado!... Depois, de que me serviria isto?

JOANA.

Mas venha cá Nonhô... Vmc. não disse esta manhã que ha muito tempo me queria forrar?

JORGE.

E disse a verdade.

JOANA.

Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com... Não sei como se chama.

JORGE.

Com hypotheca?...

JOANA.

Isso mesmo!... Pois que custa Nonhô pedir outra vez esse dinheiro emprestado?

JORGE.

Tu já não és minha escrava.

JOANA.

O que sou eu então?... Nonhô não me quer mais... Não presto para nada... Paciencia!

JORGE.

Estás forra.

JOANA.

Mas eu rasguei o papel.

JORGE.

E' indifferente. Eu o escrevi.

JOANA.

Que tinha que fizesse isto? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE.

Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANA.

Mas então, Nonhô?

JORGE.

Abre a porta.

SCENA IV.

OS MESMOS E ELISA.

JOANNA.

Iaiá D. Elisa!

ELISA.

Sr. Jorge. (*Joana afasta-se*).

JORGE.

Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA.

Meu Deus !... Elle já me perguntou pelo vigario !... Eu lhe respondi... Nem sei o que lhe respondi !... São mais de 3 horas...

JORGE.

Não desespere, Elisa ! Ainda temos tempo. Vá fazer-lhe companhia. Não o deixe.

ELISA.

Oh ! se as minhas lagrimas o salvassem !

JORGE.

Em ultimo caso, si nada conseguir, irei ter com elle... Não o deixarei realisar o projecto que medita.

ELISA.

Mas ficará deshonrado... Accusado de falsificador, será demettido... Cuida que resistirá ?

JORGE.

Procuremos salvar-lhe a honra... Si não fôr possivel, de duas desgraças a menor... a que ainda póde ser reparada !

ELISA.

Conto com o senhor !... Não nos abandone, Sr. Jorge.

JORGE.

Vá descansada Talvez mais cedo do que pensa, eu possa levar-lhe uma boa noticia !... Se houver alguma cousa de novo, venha me dizer !...

JOANA.

Que tem Iaiá que está tão triste ?

ELISA.

Logo te direi, Joana.

JOANA.

Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA.

Sei quanto és boa ! Porém não me podes valer.

JOANA.

Quem sabe, Iaiá ?

—

SCENA V

JORGE E JOANA.

JORGE.

Joana !... Aceito o sacrificio que me fazes !...

JOANA.

Qual sacrificio !... Isso é o que Nonhô devia ter feito logo ! Já estava livre de cuidados.

JORGE.

Não o aceitaria nunca se não fosse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pai !

JOANA.

De Snr. Gomes ?

JORGE.

Sim, do pai de Elisa.

JOANA.

Por isso é que Iaiá está com os olhos vermelhos de chorar !... Pois Nonhô sabia e recusava !...

JORGE.

lem imaginas quanto me custa! . Ha muito tempo tenho uma tão grande satisfação como a que senti e dando-te a liberdade, Joana! Nunca o dinheiro ho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e justo orgulho!... E destruir agora a minha obra!... ! Elisa não sabe que fel me fazem tragar as suas imas!

JOANA.

Está bom, Nonhô, não esteja triste!.. Tudo vai se anjar... d'aqui a uma semana, si tanto, que festa hade haver nesta casa!

JORGE.

Se eu já tiver restituido o que hoje confias de mim a tanta generosidade. Antes disso juro que não gastei senão o que for absolutamente necessario para er.

JOANA.

E porque agora Nonhô ha de se privar do que ecisar?

JORGE.

O devedor que assim não procede, rouba ao seu dor. E se houver divida sagrada no mundo é esta e vou contrahir comtigo.

JOANA.

Não vejo nada de maior.

JORGE.

Augmentas o sacrificio, diminuindo-lhe o valor.

JOANA.

Nonhô hoje não está bom, não! Tão cheio de rtes!...

JORGE.

Será o Dr.?

SCENA VI.

OS MESMOS E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Com licença!

JORGE.

Ah!... Faz obsequio de sentar-se?

PEIXOTO.

Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANA (*a meia voz*).

E' o homem dos trates, Nonhô?

JORGE.

E o Dr. nada!

JOANA.

Não achou.

PEIXOTO.

Vamos a isso! Fallou-me na sua mobilia. E' esta?

JORGE.

Sim, senhor. Tenho tambem alguns trastes na varanda.

PEIXOTO.

Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANA.

Quasi nova, meu senhor.

PEIXOTO.

Tem alguns dous annos de serviço.

JOANA.

Jesus!... Nem dous mezes!

PEIXOTO.

Então foi comprada em leilão. Não ha que fiar agora. Impingem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE.

Mas quanto dá o senhor?

PEIXOTO.

Por isto que aqui está... Ultimo preço 80$ rs. Não vale mais.

JORGE.

Oitenta só?

PEIXOTO.

Só. E não é pouco.

JOANA.

Ora, meu senhor! Mais do que isto custou o sofá.

PEIXOTO.

Póde ser. Não dou mais.

JORGE.

E pela minha cama?... E' de mogno mossiço.

PEIXOTO.

Vejamos. (*Sahe um momento*).

JOANA.

Mas Nonhô ha de ficar sem a sua cama? Isso não tem geito nenhum.

JORGE.

Comprarei outra depois.

JOANA.

Melhor é fazer o que lhe disse, Nonhô.

JORGE.

Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO.

A cama e a mobilia da sala... Fica tudo por 120$ rs. Tem mais alguma cousa?

JOANA.

Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha Vmc. que ella vale?

PEIXOTO.

Ah! Isto é outro caso!... (*a Jorge*) Quer renovar a hypotheca sobre ella?

JOANA.

Quer... Elle quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO.

Não ouvi! Então fica sem effeito o negocio dos trastes?

JOANA.

Fica, meu senhor!... Não é, Nonhô?

JORGE.

Não sei.

PEIXOTO.

Em que ficamos?

JOANA.

Deve ser 4 horas!

JORGE.

Quatro horas já?!... Que decide, senhor?

PEIXOTO.

Sobre a mulata?...

JORGE.

Sim!

PEIXOTO.

Dou-lhe sobre ella 300$ rs.

JORGE.

Como, senhor?!... Não lhe estava hypothecada por 600$ rs. que acabei de pagar hoje?

PEIXOTO.

Foi em outro tempo! Hoje está velha.

JOANA.

Eu velha, meu senhor!... Mal tenho 37 annos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra causa senão de estar na janella!... Eu sei pentear e vistir uma moça que faz gosto... Melhor do que muita mucama de fama.

PEIXOTO.

Não tenho filhas.

JOANA.

Mas eu tambem sei coser, lavar, engommar. Que pensa meu senhor?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cosinho, ponho a mesa; e ainda me fica tempo para fazer as minhas costuras, remendar os pannos de prato, arear as panellas... Pergunte á Nonhô!

JORGE.

Joana, eu te peço!

JOANA.

Olhe, meu senhor! Dê 500$ rs. que não se hade arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu Nonhô vai-lhe pagar.

PEIXOTO.

Não posso. Tu não estás segura...

JOANA.

Eu não prèciso, meu senhor!... Prometto a Vmc. que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem annos. Vmc. não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE.

Escuta, Joana.

JOANA.

Nonhô espere... Então Vmc. não dá os 500$ rs.?

PEIXOTO.

Veremos: veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANA.

Logo vi que Vmc. havia de chegar... Porque olhe!... Tambem por menos, estava bem livre!... — O que é, Nonhô?

JORGE (*a meia voz*).

Deixa-nos sós. Quero tratar com este homem.

JOANA.

E que tem que eu esteja aqui, Nonhô?

JORGE.

Em tua presença nunca poderei.

JOANA.

Pois eu vou. Não se arrependa, Nonhô. Iaiá D. Elisa está esperando... Coitadinha!...

—

SCENA VII.

JORGE E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Está disposto a effectuar o negocio?

JORGE.

Por 500$ rs. dados immediatamente.

PEIXOTO.

Já vejo que nada fazemos.

JORGE.

O senhor suppõe que estou, como certas pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar-lhe a maior somma possivel. Engana-se.

PEIXOTO.

Não supponho tal.

JORGE.

Tenho urgente necessidade de 500$ rs. hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possivel obter esta quantia, o negocio não me convém. E não sei, Sr. Peixoto, se deva agradecer-lhe.

PEIXOTO.

Então precisa de 500$ rs.?

JORGE.

Justos.

PEIXOTO.

Pois não seja esta a difficuldade. Dou-lhe esse dinheiro sobre a escrava.

JORGE.

Já?

PEIXOTO.

Não o trago aqui, mas vou buscal-o... n'um instante... Isto é, eu ainda não examinei a peça... mas podemos terminar isto.

JORGE.

Que é preciso fazer?... Ir a um tabellião...

PEIXOTO.

Levaria muito tempo. Distribuir a escriptura... l sello... Nem amanhã se concluiria.

JORGE.

Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO.

Ha meio de remediar tudo. Faça um penhor!

JORGE.

Para que o senhor a leve?...

PEIXOTO.

Um simples escripto, e está o negocio arranjad

JORGE.

Isso de maneira alguma! Pensei que era o cor que já fizemos! Joana hypothecada ao senhor, sempre em minha casa.

PEIXOTO.

Deste modo nem é possivel, nem eu lhe dar 500$ rs. Devo lucrar os serviços.

JORGE.

Por algumas horas. Pois amanhã.

PEIXOTO.

Lá isso não sei... Póde ser por horas e por mez

JORGE.

Não tenho animo de separal-a de mim, de t de casa!

PEIXOTO.

Pois resolva-se!... Vou ao escriptorio buscar nheiro. D'aqui a cinco minutos venho saber a posta.

JORGE.

E' escusado... Para que se incommodar?

PEIXOTO.

Tenho um negocio para estas bandas. Até já.

SCENA VIII.

JORGE E JOANA.

JOANA.

Arranjou-se tudo, Nonhô! Não foi?

JORGE.

Não fiz nada; estou na mesma.

JOANA.

O homem teimou em não dar os 500$ rs.?

JORGE.

Dava; mas com uma condição que não quiz... que não devia aceitar.

JOANA.

Qual, Nonhô?

JORGE.

Não entendes de negocio. Tanto faz dizer-te como não.

JOANA.

E' verdade que Joana não estudou como os homens que vão á escola! Mas... Nonhô não faça pouco... Eu sei muita cousa. Póde ser que lembre uma idéa boa.

JORGE.

Não fazemos nada, Joana. O melhor é resignar-me.

JOANA.

Então Nonhô deixa morrer o pai de Iaiá D. Elisa?

JORGE.

Elle ha de attender-me!... E' impossivel que um homem razoavel persista em fazer semelhante loucura.

JOANA.

Mas Vmc. prometteu á Iaiá... E quando ella vier que lhe ha de responder?

JORGE.

O que?... Que esta vida não vale as lagrimas que custa!

JOANA.

Nonhô!... Não se lembre disso!

JORGE.

Que hei de fazer, Joana?

JOANA.

Se não tivesse deixado o homem sahir.

JORGE.

Elle ficou de voltar para saber a resposta.

JOANA.

Que resposta?

JORGE.

Da condição que me propoz .. Queria que te desse em penhor.

JOANA.

Que eu fosse para a casa delle?

JORGE.

Bem vês que não devia aceitar!

JOANA.

Nonhô precisa do dinheiro... Aceite!... Mas é por hoje só, não é?

JORGE.

Unicamente!... Amanhã apenas o Dr. chegasse, iria-te buscar.

JOANA.

Pois então!... Uma tarde depressa se passa!... E Nonhô não faltará ao que prometteu.

JORGE.

Elisa vai agradecer-me o que só deverá a ti! Assim é este mundo.

JOANA.

Eu não faço nada por Iaiá D. Elisa... E' por meu senhor...

JORGE.

O Peixoto está-se demorando! Se não voltar!

JOANA.

Eu vou chamal-o.

JORGE.

Espera!... A's vezes tenho vontade que elle não venha.

JOANA.

Ah! si o Sr. Dr. apparece por ahi!

JORGE.

Não ouves subir?

JOANA.

Vou vêr.

SCENA IX.

OS MESMOS E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Já sei que resolveu-se?

JORGE.

As circumstancias me forçaram.

PEIXOTO.

Ora bem! Fechemos o negocio. — Vem cá, mulata.

JOANA.

Meu senhor!

PEIXOTO.

Deixa vêr lá os pés!

JOANA.

Meu senhor está desconfiado comigo! Eu não tenho doença!... Si nunca senti me doer a cabeça, até hoje, graças a Deus!

PEIXOTO.

Tá, tá, tá, cantigas!... Vamos!... Não te faças de boa!

JOANA.

Ninguem ainda me tratou assim, meu senhor!

PEIXOTO.

Anda lá!... Mostra os dentes!

JOANA.

Todos sãos!

PEIXOTO.

E' o que esta gente tem que mette inveja! Se fosse possivel trocar!... E não tens marca?

JORGE.

Senhor! Acabe com isto!... Não posso mais vêr semelhante scena.

PEIXOTO.

Quem dá o seu dinheiro, Sr. Jorge, deve saber o que compra... Se não lhe agrada...

JORGE.

Está no seu direito ; quem lhe contesta?... Mas terminemos com isto de uma vez.

PEIXOTO.

Não desejo outra cousa. — Então tens as taes marcas, hem ?...

JOANA.

Fui mucama de minha senhora moça, que me tratava como sua irmã della. Sahi para o poder de Nonhô que até hoje nunca me disse — « Joana, estou zangado comtigo !

PEIXOTO.

Tens um bom senhor, já vejo !

JORGE.

Perdoa, Joana, o porque te fiz passar !

JOANA.

Não foi nada, Nonhô.

PEIXOTO.

Muito bem ! Aqui está o papel.

JORGE.

O senhor enganou-se !... 600$ rs. ?

PEIXOTO.

E' difficil enganar-me. São mesmo 600$ rs.

JORGE.

Mas eu pedi-lhe 500$ rs.

PEIXOTO.

Justo ! E' o que ha de receber. Os cem são de juros.

JORGE.

Por um dia?... Pois amanhã...

PEIXOTO.

Não empresto por um dia! Se quizer pagar amanhã, nada tenho com isso.

JORGE.

Mas receberá.

PEIXOTO.

Certamente!

JORGE.

E ganhará em um só dia 20 %.

PEIXOTO.

São os riscos do negocio... Posso esperar annos sem receber.

JORGE.

Nesse caso os serviços...

PEIXOTO.

Ainda não sei quaes são. Demais, tenho a alimentação, vestuario, botica, medico, etc.

JORGE.

Emfim!... Já não é tempo de recuar. (*Vai á mesa assignar o papel*).

JOANA.

Meu senhor, não cuide que vou-lhe fazer despezas. Como um quasi nada...

PEIXOTO.

Que interesse tens tu no negocio! Parece que estás morrendo por te vêr livre de teu senhor.

JOANA.

Está ouvindo, Nonhô?

JORGE.

Mas, senhor!... Isto é um papel de venda.

JOANA.

De venda?!... Nonhô me vender!

PEIXOTO.

Questão de palavras!... Não vê que tem a condição de *retró*

JORGE.

O senhor fallou-me em penhor... Venda! Nunca teria consentido.

PEIXOTO.

E' uma e a mesma cousa. No penhor, si o senhor não me pagar, a escrava é minha. Na venda a *retró* ella volta ao seu poder, logo que me pague.

JORGE.

Em todo o caso prefiro o penhor.

PEIXOTO.

Meu caro senhor, tenho tido todas as condescendencias possiveis; mas V. S. não está habituado a tratar certos negocios, de modo que nunca chegaremos a um accordo.

JORGE.

Porque o senhor não diz francamente o que exige?

PEIXOTO.

Essa é boa! Quer mais franqueza?... E' aceitar ou largar! Não obrigo!

JOANA.

Mas se Nonhô lhe pagar amanhã, fica meu senhô outra vez?

PEIXOTO.

Que duvida!... Tem um mez para pagar!

JOANA.

Então Nonhô... Vem dar no mesmo!

JORGE.

Não!... não posso assignar semelhante papel!...

PEIXOTO.

Bem! O dito por não dito!... Outra vez fará o obsequio de não me incommodar. Perdi com o senhor manhã inteira... sem o menor proveito.

(*Elisa apparece*).

—

SCENA X.

OS MESMOS E ELISA.

JORGE.

Ah! (*assigna*) Tome, senhor. O dinheiro? (*corre a Elisa*).

PEIXOTO.

Eil-o. — Oh! Quem é esta moça?

JOANA.

E' a filha do Sr. Gomes.

PEIXOTO.

Humm!... Percebo!

JORGE.

Não se importe que a vejam aqui! Se a calumniarem, eu farei calar o infame!

ELISA.

Nem sei já o que faço!...

JORGE (*a Peixoto*).

O dinheiro?

PEIXOTO.

Aqui o tem. Faça o favor de contar.

ELISA.

Este homem!...

JORGE.

Que tem?

ELISA.

E' o que ameaçou meu pai!

JORGE.

Devia ter adivinhado!

ELISA.

Vendo-o entrar, julguei que já vinha... Fiquei fóra de mim... Subi! Ha que tempo estou alli sem animo de entrar.

JORGE.

Finalmente seu pai está salvo! Tome, Elisa!...

ELISA.

Oh! não, Sr. Jorge!

JORGE.

Tem vergonha de aceital-os da mão de seu marido?..

ELISA.

Não era melhor que o senhor mesmo entregasse a meu pai?

JORGE.

Elle aceitaria mais facilmente de sua filha!

ELISA.

Mas eu é que não posso!... Não sei...

JORGE.

Espere!... *(a Peixoto)*. O senhor tem em seu poder uma letra do Sr. Gomes?

PEIXOTO.

Uma letra de 500$ rs.? Sim, meu senhor!

JORGE.

Está paga! Dê-me esta letra!

PEIXOTO.

Então era esta a necessidade, urgente? *(Dá a letra)* Muito podem uns bonitos olhos!

JORGE.

Insolente!... Respeite nesta senhora minha mulher!

PEIXOTO.

Perdão! não sabia.

JORGE *(a Elisa)*.

Agora não deve ter escrupulos. E' um papel sem valor.

ELISA.

Sem valor, Jorge!... Vale a honra e a vida de meu pai; vale a nossa felicidade.

JORGE.

Vá depressa socegar seu pai... Ah! Agradeça a Joana, Elisa.

ELISA.

Porque? ella tambem se interessou por mim?

JORGE.

Depois lhe direi porque.

JOANA.

Eu só peço a Deus que faça meu Nonhô e Iaiá D. Elisa muito, muito felizes!

(Durante a scena seguinte vê-se Jorge e Elisa na porta).

SCENA XI.

PEIXOTO E JOANA.

PEIXOTO.

Não tens alguma roupa?... Ou é só a do corpo?

JOANA.

Tenho muita roupa, graças a Deus; é o que não me falta. Nonhô me dá mais do que eu preciso.

PEIXOTO.

Pois então vai arrumar a trouxa. E anda com isso.

JOANA.

Por uma noite?... Nonhô amanhã vai-me buscar.

PEIXOTO.

Todos elles dizem o mesmo... Amanhã, amanhã... o tal amanhã dura um anno.

JOANA.

Que diz meu senhor?... Um anno!... Oh! meu Nonhô não é como esses. Vmc. ha de vêr... Elle quer bem á sua mulata.

PEIXOTO.

Vamos. Despacha-te. Vai sempre vêr a roupa. Não digas que te engano.

JOANA.

Não, meu senhor. Si eu ficar lá, o que Deus não ha de permittir, não... eu virei buscar os meus trapinhos. Agora!... Si eu os levasse... Era como si não tivesse mais de voltar para o poder de meu Nonhô!... E Joana não poderia!

PEIXOTO.

Bem! Eu cá mandarei!

SCENA XII.

OS MESMOS E JORGE.

JORGE.

Desculpe se o fiz esperar.

PEIXOTO.

Não manda mais nada ao seu serviço?

JORGE.

Tenho apenas uma supplica a fazer-lhe.

PEIXOTO.

Que diremos?

JORGE.

Durante o tempo que esta... que Joana vai estar em sua casa.

PEIXOTO.

Que é minha escrava, quer o senhor dizer.

JORGE.

Peço-lhe que a trate com doçura. Está habituada a viver comigo, mais como uma companheira do que...

PEIXOTO.

Excusa pedir-me isto. Sou bom senhor. O caso é saberem levar-me. Anda mulata! Vamos.

JOANA.

Já?!... Me deixe dizer adeus a meu Nonhô.

PEIXOTO.

Pois dize lá o teu adeus... E nada de choramingas.

JOANA.

Meu Nonhô, adeus! Sua escrava vai-se embora!

JORGE.

Joana!

JOANA.

Não chore, Nonhô. E' por hoje só. Não é?

JORGE.

Eu te juro.

JOANA.

Oh! Se não fosse. Nonhô me deixava ir?

JORGE.

De certo que não!

JOANA.

Mas se o Sr. Dr. não vier amanhã?

JORGE.

Se elle faltar, meu Deus!

JOANA.

Não ha de faltar não. Sr. Dr. é homem de palavra...

JORGE.

E quando por qualquer acaso succedesse... Ainda tenho forças para trabalhar.

JOANA.

Oh! meu Nonhô! Não é por mim que eu tenho medo de ficar lá. Deus é testemunha... Mas quem ha de tratar de meu Nonhô quando sua Joana não estiver aqui?... Quem ha de preparar tudo, para que não lhe falte nada? E se Nonhô cahir doente?!... Meu Jesus!... Que dor de coração só de pensar nisso!

JORGE.

Consola-te, Joana. Algumas horas depressa se passam.

JOANA.

E' assim mesmo, Nonhô... Mas que saudades que Joana vai ter... Ella que nunca sahio de junto de seu senhor... nem um dia... Que nunca se deitou sem lhe tomar a benção!... Nonhô tambem ha de ter saudades de sua escrava?...

JORGE.

Perguntas, Joana?

JOANA.

Oh! Eu sei que Nonhô ha de ter?... Mas não fique triste, não.

JORGE.

Joana, não me faças perder a coragem... Deste modo não terei animo.

JOANA.

Está bom, Nonhô. Olhe: Joana não chora mais! Está se rindo. Amanhã ella estará aqui outra vez, servindo seu Nonhô... E Iaiá D. Elisa, Sr. Gomes... todos contentes!...

PEIXOTO.

Se continuamos assim, não saio d'aqui hoje! E' uma choradeira que nunca mais se acaba.

JORGE.

Não zombe destas lagrimas, senhor! Joana me criou. Nunca nos separamos. E' toda a minha familia! Ella e um amigo que tive hoje a felicidade de vêr. Amor de mãi que não conheci, amor de irmã que não tive, tudo concentrei n'ella!

PEIXOTO.

Mas é preciso que terminemos com isto.

JORGE.

E' justo... Joana! Adeus! Até amanhã!

JOANA.

Até amanhã!... Sim meu Nonhô!... Mas se eu lhe pedisse...

JORGE.

O que? Dize...

JOANA.

Não... Para que... Incommodar a Nonhô?

JORGE.

Pede... O que?

JOANA.

Nonhô á tardinha... Quando se recolhesse... Podia passar...

JORGE.

Comprehendo... Eu irei ver-te, minha boa Joana.

JOANA.

Que alegria que Joana terá!

PEIXOTO.

Não posso mais. — Psio! Mulata! segue-me!

JORGE.

Não lhe falle assim!

PEIXOTO.

Ora, essa! E' minha escrava. Posso fazer della o que quizer.

JORGE.

Usurario!... Não me obrigue a fazer uma loucura!

JOANA.

Nonhô não se altere... Vamos, meu senhor. Estou prompta.

PEIXOTO.

Passa! Anda...

JOANA.

Nonhô! ... Lembre-se de sua escrava.

JORGE.

Meu Deus!...

ACTO QUARTO

Em casa de Jorge. A mesma sala.

SCENA I.

JORGE E ELISA.

ELISA.

Sr. Jorge!...

JORGE.

Ah! bom dia, Elisa!... Seu pai?

ELISA.

Está inteiramente calmo. Sahio... Disse-me que d'aqui pouco lhe veria agradecer.

JORGE.

Elle já sabe?

ELISA.

Contei-lhe tudo!... Não devia?

JORGE.

Fez bem. Que respondeu elle?

ELISA.

Sorrio, Jorge!

JORGE.

Approvou por tanto...

ELISA.

Parece...

JORGE.

Só nos falta para sermos felizes...

ELISA.

O que?... Não me responde?

JORGE.

Não posso agora! Depois saberá, Elisa.

ELISA.

Deve ser alguma cousa que lhe pesa! Está inquieto?

JORGE.

E' engano!... Não tenho motivo de inquietação?

ELISA.

Quer occultar de mim, que lhe contei todos os meus pezares?

JORGE.

Nada occulto... São recordações... O esperito humano é assim... Inquieta-se, possue-se de um vago temor, quando maior razão tem de alegrar-se.

ELISA.

Pois eu o deixo... Já que não posso desvanecer, não quero perturbar essas recordações.

JORGE.

E' uma queixa injusta. Fique!

ELISA.

Oh! Não... Não posso demorar-me... Não devo! Quiz unicamente agradecer-lhe... Na presença de meu pai não teria animo.

JORGE.

Porque, Elisa?

ELISA.

Não sei !... Ha certas cousas que... Não posso explicar... Mas só ao senhor as diria !

JORGE.

Tem razão, Elisa ! Se ha pudor sublime é o da alma.

ELISA.

Será talvez por isso... Eu conheço que é improprio vir aqui... Porém hontem a desgraça me arrastou sem consciencia do que fazia ! Hoje foi a gratidão que me trouxe !

JORGE.

Uma vez por todas, Elisa. Não tem que me agradecer.

ELISA.

Oh ! Sr. Jorge !

JORGE.

Não Elisa. O que fiz foi por egoismo. Não deffendia a minha felicidade ? E se alguem deve ser grato, não sou eu ?

ELISA.

O que o senhor chama a sua felicidade, não é tambem a minha ? Fui eu que a dei ou que recebi?...

JORGE.

Deu-a.

ELISA.

Recebi-a com a honra e a vida de meu pai. Bem vê que a gratidão me pertence, e a mim só !

JORGE.

De modo algum !

ELISA.

Não m'a roube !... E' a minha unica riqueza.

JORGE.

E o amor, Elisa ?

ELISA.

Esse não me pertence ! E' seu !... Bem o sabe ! Adeus.

JORGE.

Até logo então ?

ELISA.

Até logo, sim... Onde está Joana ?

JORGE.

Joana ? — Lá dentro... Sahio... creio...

ELISA.

Ainda hoje não a vi !... Desde, hontem á tarde !...

JORGE.

Esteve occupada talvez.

ELISA.

Ralhe com ella para não ser ingrata !... E' verdade !... O que ficou de me dizer hontem ?...

JORGE.

Depois, Elisa !

ELISA.

Tambem o senhor hoje vai deixando tudo para depois. Quando se realisarão todas as suas promessas ?...

JORGE.

No dia em que se realisarem as minhas esperanças.

ELISA.

Ah !... Tem bem que esperar !

JORGE.

Não hade ser tão má.

SCENA II.

OS MESMOS E JOANA.

ELISA.

Aqui está ella !

JORGE.

Joana !

JOANA.

Meu Nonhô !... Como está?... Dormio bem ?... Não teve nenhum incommodo, não !... Ai ! que já não podia !... Passar tanto tempo sem vêr meu Nonhô ! — Adeus, Iaiá.

ELISA.

Estou muito agastada comtigo ... Onde é que andaste ?

JOANA.

Eu ! Ahi mesmo, Iaiá.

ELISA.

Mas chegaste de fóra... Ainda não tinhas visto Sr. Jorge hoje ?

JORGE.

Ainda não.

ELISA.

O senhor ainda não sahio!...

JOANA.

Não vê, Iaiá... Sim! Eu fui hontem de tarde... Aproveitei, como o tempo estava bom... Fui lavar uma trouxa de roupa n'uma chacara em Santa Thereza.

ELISA.

Por isso é que não te vi mais hontem?

JOANA.

Foi, Iaiá... Foi por isso mesmo!... Mas Nonhô está triste! Não falla com sua mulata!

JORGE.

Já te fallei, Joana. Estou esperando pelo Dr.!

JOANA.

Não tarda, Nonhô... Vem sem falta. Não se agonie.

ELISA.

E eu não quero que me encontre aqui!

JOANA.

Iaiá já vai?... Então quando é o dia?

ELISA.

Que dia?... Começas com as tuas graças!

JOANA.

Ora, isso é uma cousa tratada. Não é, Nonhô?

JORGE.

Só falta o que tu sabes, Joana!

ELISA.

O que?... Não me dizem?

JORGE.

E' um segredo !

JOANA.

Iaiá quer saber ?

ELISA.

Quero, sim !... E' a meu respeito ?

JOANA.

Escute, Iaiá... No ouvido. E' o vestido que está se fazendo.

ELISA.

Mentirosa !... Cuidas que eu acredito ?

JOANA.

Si eu é que heide cosel-o com estas mãos !

ELISA.

Antes disso tens muito que coser.

JOANA.

O enxoval ! Não é, Iaiá ?

ELISA.

Joana ! Por tua causa não heide vir mais aqui. *sahe).*

SCENA III.

JOANA E JORGE.

JORGE.

Como te tratou aquelle homem, Joana ?... Não ima-

ginas quanto me arrependi... Entretanto si o não fizesse, quem sabe o que aconteria !

JOANA.

Não tenha cuidado, Nonhô ! Joana vive em toda a parte... O que tem é que sente um aperto de coração quando não póde vêr seu Nonhô !

JORGE.

Tambem eu ! Toda a noite não pude socegar... Faltava-me alguma cousa.

JOANA.

Devéras, Nonhô, sentio que sua Joana se fosse embora !... Como Nonhô é bom ! Como quer bem á sua Joana !

JORGE.

Pois duvidavas ?

JOANA.

Então eu não sei que Nonhô me estima !

JORGE.

Muito !... E o Dr. que não chega !

JOANA.

Não póde tardar ! Em quanto Nonhô espera, eu vou endireitar isto... Como hade estar tudo n'uma desordem !

JORGE.

De certo !... Não estando tu aqui...

JOANA.

Por isso eu hoje logo, que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus Christo, primeiro pela vida e saude de meu Nonhô, de Iaiá D. Elisa, de Sr. Gomes, de Sr. Dr. ; depois prometti á Nossa Senhora uma camizinha bordada para seu menino Jesus della, o que está na

igreja do Sacramento, si não deixasse dar nove horas em S. Francisco de Paula, sem que eu viesse vêr meu Nonhô, tomar a benção a elle, e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de Joana.

JORGE.

E sou eu que heide cumprir a tua promessa.

JOANA.

Não é Nonhô que me dá tudo ?... Depois, das mãos de Nonhô a Virgem Santa hade receber com mais gosto.

JORGE.

Ella a receberá do teu coração, Joana.

JOANA.

Mas eu é que heide bordar a camizinlia !

JORGE.

Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANA.

Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus della !... Qual !

JORGE.

Só consinto com a condicção de não trabalhares á noite.

JOANA.

Pois sim, Nonhô. Mas eu não disse como N ssa Senhora se valeu de mim !

JORGE.

Como foi ?

JOANA.

Olhe, Nonhô !... Vê-se mesmo que foi cousa do Céo ! E ha gente que zomba e não quer acreditar !...

Pois eu estava pensando no meu canto que volta havia de dar para vêr Nonhô, quando o homem me chamou e disse: — Si alguem bater falla pela janella e manda esperar. Eu costumo fechar a porta da rua e levar a chave. —

JORGE.

Deixou-te presa?

JOANA.

Não, Nonhô! Ahi é que está o milagre de Nossa Senhora! Eu fiquei fria quando elle disse aquillo!... De repente chega uma carta! O homem lê, atarantase todo, e lá se vai sem chave, sem nada!

JORGE.

E sahiste?

JOANA.

Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE.

Não se zangue elle quando voltar!

JOANA.

Antes disso ou heide estar lá... Deixe-me endireitar tudo... Espanar a mobilia.

JORGE.

Talvez não voltes mais! Chegando o Dr...

JOANA.

Quem déra, Nonhô!

JORGE.

Não te hade alegrar mais do que a mim.

JOANA.

Ora, Nonhô querer-se privar de sua mobilia tão bo-

nita !... Simples, mas bem feitinha !... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves !... Estes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE.

Preferia perder tudo isto a ver-te sahir de minha casa... E como ?

JOANA.

O melhor é a gente não se lembrar mais disto ! Oh ! Nonhô ! Que vidro é este, que está aqui ?

JORGE.

Qual, Joana ?

JOANA.

Este, Nonhô. Não vê ?

JORGE.

Cuidado, Joana. E' veneno !

JOANA.

Veneno !... Nonhô !... Que quer fazer ?... Máo !...

JORGE.

Ouve !...

JOANA.

Máo, sim !... Nonhô é um ingrato !... Meu Senhor Deus !... E eu não tive uma pancada no coração, que me dissesse !...

JORGE.

Que estás ahi a inventar, Joana ? Quem te disse que este veneno era para mim ?

JOANA.

Ah ! não era... Mas como veio parar aqui ?

JORGE.

Eu te explico. Ninguem mais do que tu deve sa-

ber. E' a prova da tua generosidade!... O pai de Elisa...

JOANA.

Sr. Gomes?

JORGE.

Queria suicidar-se!

JOANA.

Por causa daquella letra?

JORGE.

Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e me confessou tudo hontem!

JOANA.

Que menina! Humm!... Não me disse nada! Foi della que Nonhô tomou o vîdro?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE.

Esqueci-me. Tenho tido tantas preoccupações... Dá cá.

JOANA.

Eu guardo, Nonhô, para deitar fóra.

JORGE.

Vê se te descuidas!...

JOANA.

Está no seio. Vou atirar ao mar... Póde algum malfazejo...

JORGE.

Não o abras!

JOANA.

Eu!... Nosso Senhor me defenda.

JORGE.

Ahi está o Dr.!

JOANA.

Ai!... Que ia fazendo?

JORGE.

Hem!... Que foi?

JOANA.

Naquella afflicção de hontem me esqueci!... Nonhô não diga nada a elle do que se passou!... Olhe lá!

JORGE.

Porque? Não queres que elle te admire?

JOANA.

Nonhô! Fóra de graça!... Não diga nada! Por tudo quanto ha!

JORGE.

Tens razão!...

SCENA IV

OS MESMOS E DR. LIMA.

DR. LIMA.

Então, como se arranjou?

JORGE.

Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

DR. LIMA.

Muito bem! Eu fiz o que pude. Hontem nada consegui.

JORGE.

E hoje?...

DR. LIMA.

Adeus! Joana.

JOANA.

Meu senhor passou bem?

JORGE.

Mas então, Dr.?

DR. LIMA.

O que lhe disse eu hontem?

JORGE.

Que hoje ás 9 horas, se não pudesse antes.

DR. LIMA.

Que horas são?

JORGE.

Não sei! Empenhei o meu relogio!...

JOANA.

Hão de ser nove, meu senhor.

DR. LIMA.

Menos 5 minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE.

Ah!

JOANA.

Eu sempre disse! Homem de palavra, como meu senhor!...

DR. LIMA.

Espera! que temos uma conta a ajustar...

JOANA.

Comigo?... Eu não fiz nada!

DR. LIMA.

Já te fallo *(a Jorge)*. Aqui tem. Está nesta carteira um conto de réis. Tire o que precisar.

JORGE.

Preciso de 600$ rs. Tenho 80, bastão-me 520.

DR. LIMA.

Não se acanhe!... Esses 80$ rs são naturalmente o producto do seu relogio empenhado!... Vá desfazer essa transacção. Gaste o que fôr preciso para pôr em ordem os seus negocios. Depois fallaremos.

JORGE.

Não lhe sei agradecer, Dr.! Se este dinheiro fosse para matar-me a fome, eu não o recebeia com tanta avidez.

DR. LIMA.

Agora a nossa conta, Joana. Jorge não te deu hontem um papel?...

JOANA.

Meu Senhor!...

JORGE.

Como soube, Dr.?

DR. LIMA.

Eu não estava aqui?... Já se esqueceram?

JORGE.

Estava... mas ..

DR. LIMA.

Quando te deu esse papel, que te disse Jorge?

JOANA.

A que vem isto agora, meu senhor ?

DR. LIMA.

Ainda !... Disse-te : — Joana, nesta casa não ha mais nem senhor nem escrava ? *(a Jorge)*. Não foi isto ?

JORGE.

Foi, Dr., e repito.

DR. LIMA.

Ora bem ! Se eu te ouvir d'aqui em diante alguma destas palavras, meu senhor, sua escrava, saio por aquella porta e não ponho mais os pés aqui !

JOANA.

Meu... senhor Dr. !

JORGE.

Ralhe ! Ralhe com ella Dr. Para vêr si emenda-se.

DR. LIMA.

Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge... explicando-lhe o motivo !

JOANA.

Ah !... Vmc. não hade fazer isto ! Eu juro o que quizer.

DR. LIMA.

Estamos entendidos.

JORGE.

Dê-me licença, Dr. -Vou sahir um instante para saldar essa divida que me pesa.

DR. LIMA.

Sem cerimonia ! Vá. Em quanto espero, Joana, prepara alguma cousa, que ainda não almocei.

JORGE.

Ouves, Joana ? !

JOANA.

Já. N'um momento !

DR. LIMA.

Chá e pão, basta !... Oh ! Quem toca por aqui ?

JOANA.

E' Iaiá.

JORGE.

E' a minha vizinha do primeiro andar.

DR. LIMA.

Que não tarda subir ao segundo ?

JORGE.

Talvez, Dr.

SCENA V.

DR. LIMA E JOANA.

DR. LIMA.

Dá-me o jornal !... Aquillo que eu te disse é serio, ouviste Joana ?

JOANA.

Ouvi, Sr. Dr. Quer que jure outra vez ?

DR. LIMA.

Não é necessario.

JOANA.

Ai !... Iaiá D. Elisa vai cantar ! Como ella está contente hoje ! Coitadinha ! E' uma pombinha sem fel !... E como canta bem !... Ora, discipula de Nonhô !... Que bonita voz !... Não é Sr. Dr. ?

DR. LIMA.

Muito ; mas ha outra que eu acharia mais bonita.

JOANA.

Qual ?... Não é capaz.

DR. LIMA.

A tua, Joana...

JOANNA.

Gentes !... Que partes de Sr. Dr. !

DR. LIMA.

Se ouvisses o resto... E' a tua quando me disseres que o almoço está prompto.

JOANA.

Santo Deus !... E eu a dar á taramella !... Perdão Sr. Dr.

DR. LIMA.

Perdôo-te o julgares que com 60 annos tinha tenções de namorar-te.

SCENA VI.

DR. LIMA.

(Scena muda O Dr lê o jornal, interrompendo

ds vezes a leitura para ouvir o romance francez — L'Aiguille — que Elisa canta; e a final adormece. Pouco depois de acabar o romance, entra Jorge).

—

SCENA VII.

DR. LIMA E JORGE.

JORGE.

Que massada !

DR. LIMA.

Hann !... Que é !... Que temos ?

JORGE.

Estou contrariado, Dr. Não achei o homem.

DR. LIMA.

Não é culpa sua. Elle que o procure.

JORGE.

Fiquei de ir levar-lhe o dinheiro, eu mesmo.

DR. LIMA.

Voltará depois.

JORGE.

Devo pagar-lhe hoje sem falta.

DR. LIMA.

O dia apenas começou. Ha tempo de sobra.

JORGE.

Só o encontrarei de manhã.

DR. LIMA.

Ora, se lhe parece!... Faça disso uma questão de honra! Já o procurou; cumprio o seu dever. Elle que appareça.

JORGE.

Aqui?

DR. LIMA.

Então!... Onde hade ser?

JORGE.

Eu é que devo ir á sua casa.

DR. LIMA.

Hade poupar-lhe esse incommodo. Não digo!

SCENA VIII.

OS MESMOS, ELISA E GOMES.

GOMES.

Não é uma visita, Sr. Jorge, que viemos fazer-lhe, minha filha e eu.

JORGE.

Sente-se, D. Elisa... Sr. Gomes, Dr.!...

GOMES.

Não é uma visita, não. E' uma romaria, como dizem que outr'ora faziam aos lugares santos.

JORGE.

Ora, Sr. Gomes.

GOMES.

O Sr. Dr. a quem peço desculpa de minha distracção de hontem...

DR. LIMA.

Não tem de que. Vi que estava indisposto.

GOMES.

Estava, como póde estar o homem a quem a honra ordena que morra e sua filha orphã pede que viva.

ELISA.

Meu pai !... Esqueça-se !...

GOMES.

Ao contrario devo lembrar-me ! Devo confessal-o ! Não temos outro meio de reconhecer a dedicação daquelle a quem tu deves a vida de teu pai ; e eu mais do que a vida.

JORGE.

Para que voltar a um passado que nos afflige a todos ?

GOMES.

Eu não conheço egoismo mais cruel do que o do bemfeitor que recusa o reconhecimento daquelles a quem soccorreu. A gratidão, Sr. Jorge, não é só um dever ; é tambem um direito.

DR. LIMA.

E um direito sagrado !

JORGE.

Porém, Dr., o Sr. Gomes nada me tem a agradecer. Elle o sabe ; e vou dar-lhe a prova. Estamos entre amigos, Elisa... seu pai e o meu...

DR. LIMA.

Pela affeição unicamente !... Nunca lhe fiz serviços...

JORGE.

Dr !... Não ha meia hora !

GOMES.

Vê, Sr. Jorge ! O senhor mesmo me dá razão.

JORGE.

Não, senhor ! Ouça... Eu concebi ha mezes uma esperança de cuja realisação depende a ventura de minha vida. Amava... Amo sua filha !

GOMES.

Ella me confessou, Sr. Jorge.

JORGE.

Confessou-lhe unicamente que eu a amava ?

GOMES.

E que era...

ELISA.

Meu pai !...

GOMES.

Não córes, minha filha. O amor puro, como o teu, é a corôa de virgem de uma moça. Elisa tambem o ama, Sr. Jorge.

JORGE.

Que fiz eu pois, Sr. Gomes, senão velar sobre a minha felicidade ?... Fui apenas egoista !... Não tenho razão, Dr. ?...

DR. LIMA.

Todos têm razão ; mas é preciso que se entendam.

Definamos a situação, como dizem os estadistas, quando a querem embrulhar. — Jorge pede-lhe a mão de sua filha, Sr. Gomes.

GOMES.

Responde, Elisa.

ELISA.

Não... Logo... meu pai !

GOMES.

E' de ti unicamente que elle deve receber a tua mão !

ELISA.

Elle já não sabe ?

JORGE.

E' verdade ! Só esperamos pelo seu consentimento.

GOMES.

Não tenho consentimento a dar... Faço um voto pela felicidade de ambos.

DR. LIMA.

Isto é mais claro. Marquemos o dia.

GOMES.

O Sr. Jorge dirá.

ELISA.

Já !... Que pressa !

JORGE.

Elisa é quem deve marcar.

ELISA.

Eu não !

DR. LIMA.

Pois marco eu. E aposto que vão todos ficar satisfeitos. Que dia é hoje ?

JORGE.

Terça feira.

DR. LIMA.

Em tres dias faz-se um vestido... Sabbado !

GOMES.

Muito bem.

JORGE.

Concordo.

ELISA.

Tão cedo !...

DR. LIMA.

Quanto á casa, esta tem as accomodações necessarias.

JORGE.

Ainda não a vio, Sr. Gomes ? Venha. Quero mostrar-lhe o gabinete que lhe destino.

GOMES.

A' mim !...

JORGE.

Desejo que Elisa tenha seu pai junto de si. Entremos. E' casa de estudante... Não repare.

SCENA IX.

DR. LIMA E ELISA.

DR. LIMA.

Ha pouco, sem o suspeitar, deu-me grande prazer, minha senhora. Ouvia-a cantar.

ELISA.

Ah ! Estava aqui ?

DR. LIMA.

Era um romance francez !...

ELISA.

Aprendi-o a cantar sentindo-o. Por isso gosto muito delle.

DR. LIMA.

Tem uma linda voz !

ELISA.

Qual !... Ha muitos dias que não cantava ! Hoje tive umas saudades !

DR. LIMA.

Da musica ou do mestre?...

SCENA X.

OS MESMOS E PEIXOTO.

PEIXOTO.

Viva, senhor !

DR. LIMA.

Tire o chapéo !... Não vê que está diante de uma senhora ?

PEIXOTO.

Não reparo nestas cousas... A minha escrava ?...

DR. LIMA.

Que escrava ? O senhor sabe a quem falla ?

PEIXOTO.

A escrava que o tal Sr. Jorge me vendeu !... Fugio-me esta manhã !... Está acoutada aqui !

ELISA.

Joana !

DR. LIMA.

Tranquillise-se, D. Elisa. Joana está fôrra. Jorge deu-lhe hontem a carta á minha vista.

ELISA.

Ella o merecia !

PEIXOTO.

Que historias está ahi o senhor a contar ?

DR. LIMA.

Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO.

Pois enganou-se !... Quero já para aqui a minha escrava !... Senão vou a policia !... E' uma velhacada !

DR. LIMA.

Lembro-lhe que não está em sua casa ! De que escrava falla o senhor ?

PEIXOTO.

Quantas vezes quer que lhe diga ?... Da mulata Joana que comprei hontem !

ELISA.

Ah !

DR. LIMA.

O senhor mente !

PEIXOTO.

Veremos !... Eu lhe mostrarei para que serve este papel.

(O Dr. lê o papel na mão de Peixoto. Joana apparece no fundo).

SCENA XI.

OS MESMOS, JORGE E GOMES.

JORGE.

Calle-se.

GOMES.

Este miseravel aqui !

PEIXOTO.

A minha escrava !

DR. LIMA.

Desgraçado !...

JORGE.

Dr. !...

DR. LIMA.

Tu vendeste tua mãi ! *(Joana foge).*

JORGE.

Minha mãi !... Ah !

DR. LIMA.

Tua mãi, sim !... Digo-o alto ; porque te sei bastante nobre para não renegares aquella que te deu o ser. *(Pequena pausa).*

PEIXOTO.

Em todo o caso... Eu não perco o meu dinheiro.

DR. LIMA.

Quanto se lhe deve?

PEIXOTO.

Seiscentos mil réis! *(Jorge atira o dinheiro).*

DR. LIMA.

Dê-me este papel!

JORGE.

Oh! Não o rasgue, Dr.!

DR. LIMA.

Para que conservar esse testemunho?

JORGE.

Para exprobrar-lhe o que me obrigou a fazer!... Por que foi ella... quem tratou com esse homem!

PEIXOTO.

Lá isso é a pura verdade.

JORGE.

A carta rasgou-a!

DR. LIMA.

Amor de mãi!...

JORGE.

Ah! Meu pai!... Meu pai!... Como deves soffrer neste momento!

DR. LIMA.

Elle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE.

E ter vivido 20 annos com ella, recebendo todos os dias, a todo o instante as effusões desse amor sublime!... E não adivinhar!... Não pressentir!... Perdão, minha mãi!... Onde está ella? *(sahe)*.

SCENA XII.

DR. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO E VICENTE.

VICENTE *(a Peixoto)*.

Alto lá, camarada! *(segura-o pela gola)*.

PEIXOTO.

Isto são modos!

VICENTE.

Bom dia, Sr. Dr. e companhia.

DR. LIMA.

Adeus!

PEIXOTO.

Largue-me, senhor!

VICENTE.

Está seguro! Deixe-se de partes.

PEIXOTO.

Com que direito me quer privar de sahir?

VICENTE.

Já lhe digo *(lê)*. « Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor!... »

PEIXOTO.

Eu preso !... Porque ?

VICENTE.

Por causa de certas letras...

PEIXOTO.

E' falso !

VICENTE.

São falsas mesmo as taes letras !

PEIXOTO.

Sr. Vicente...

VICENTE.

Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES.

Deus é justo !

(Elisa entra rapidamente na alcova).

—

SCENA XIII.

DR. LIMA, GOMES E JORGE.

JORGE.

Vio-a, Dr. ?... Não a encontrei ?... Procurei tudo !

DR. LIMA.

Socegue, Jorge ! Deve ter sahido... Ella nada sabe ainda ! Seja prudente... Não lhe annuncie de repente !... O choque póde ser terrivel !...

JORGE.

Não me sei conter!... Quero abraçal-a!... Minha mãi!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que apprendi-o ha pouco!...

GOMES.

Sr. Jorge...

JORGE.

Ah! desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber...

GOMES.

Penalisa-me bastante, creia.

JORGE.

Como, Sr. Gomes?

GOMES.

Sinto muito, porém... O Sr. comprehende a minha posição... As considerações sociaes...

JORGE.

Acabe, senhor!...

GOMES.

Esse casamento não é mais possivel!

JORGE.

Ah!

DR. LIMA.

Porque razão, Sr. Gomes?

JORGE.

Porque não reneguei minha mãi!

GOMES.

Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

JORGE.

Tem razão, Sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer á sua familia porque eu sou filho daquella que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repelle!...

GOMES.

Que diz, senhor?...

ELISA *(fóra)*.

Jorge!... Sua mãi!...

JORGE.

Elisa!... Aonde?... *(Entra na alcova)*.

GOMES.

Nas minhas circumstancias que faria, Sr. Dr.?

DR. LIMA.

Não ha considerações nem prejuisos, senhor, que me obriguem a commetter uma ingratidão.

SCENA XIV.

DR. LIMA, GOMES, ELISA, JORGE E JOANA.

JORGE.

Dr., accuda!... Depressa!...

DR. LIMA.

O que?

ELISA.

Este vidro!...

GOMES.

Envenenada !...

JOANA.

Um ataque !...

JORGE.

E' o mesmo veneno que ella arrancou-lhe dos labios... Sr. Gomes !

DR. LIMA.

Que fizeste, Joana ?

JOANA.

Nada, meu... Sr. Dr.

JORGE.

Salve-a, meu amigo !...

DR. LIMA

Só Deus !... A sciencia nada póde !

JORGE.

Minha mãi !..,

JOANA.

Não !... Eu não sou sua mãi, Nonhô... O que elle disse, Sr. Dr., não é verdade... Elle não sabe...

DR. LIMA.

Joana !...

JOANA.

Não é verdade, não !... Pois já se vio isso ?... Eu ser mãi de um moço como Nonhô !... Eu uma escrava !... Não vê, Nonhô, que elle se engana.

JORGE.

Me perdoa, minha mãi, não te haver conhecido !

JOANA.

Sr. Dr. quer dizer que eu fui ama de Nonhô!... Que Nonhô era meu... meu... de leite... só!... só de leite!

JORGE.

Chama-me, teu filho!... Eu te supplico!...

JOANA.

Mas não é... não!... Eu juro...

DR. LIMA.

Joana!... Deus nos ouve!

JOANA.

Por Deus mesmo... Elle sabe porque digo isto!... Por Deus mesmo... juro... que... Ah!...

JORGE.

Morta!...

ELISA.

Minha boa Joana!...

JOANA.

Escute, Iaiá Elisa... E' a ultima cousa que lhe peço... Iaiá hade fazer meu Nonhô muito feliz!... Me promette?... Queira a elle tanto bem, como Joana queria... Mais, nem Iaiá nem ninguem póde... não!

JORGE.

Minha mãi!... Porque foges de teu filho, apenas elle te reconhece?

JOANA.

Adeus, meu Nonhô... Lembre-se ás vezes de Joana... Sim?... Ella vai rezar no céo por seu Nonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE.

O que, mãi ? Pede-me !...

JOANA.

Nonhô não se zanga ?

JORGE.

Eu sou teu filho !... Dize !... Uma vez ao menos... sie nome.

JOANA.

Ah !... Não !... Não posso !

JORGE.

Falla ! Falla !

JOANA.

E' um atrevimento !... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua... sua testa, meu Nonhô !...

JORGE.

Mãi !...

JOANA.

Ah !... Joana morre feliz !

JORGE.

Abandonando seu filho.

JOANA.

Nonhô !... Elle... Elle se enganou !... Eu não... Eu não sou tua mãi, não... meu filho ! *(Morre).*

JORGE *(de joelhos).*

Minha mãi !...

ELISA.

E minha, Jorge !...

GOMES.

Ella abençôe tão santa união !...

DR. LIMA.

E me perdôe o mal que lhe fiz !

Fim do Drama.

Typ. de Paula Brito — 1862.

19. Um "que," entre outras ... não ... a Alencar

32 tamaninho

36 chocheiro (cocheiro).

37 Que dê ...?

38 Empo...

39 Embiriangas

55 Aconselhei-lhe ..

89. Cosinho.

91 "ã pega".

105. Me deixe dizer adeus... na boca de uma escrava está bem. Machado de Assis, em ... tem outro me nesses condições, em ...

... póstumas de ...

124. Um pronome à brasileira

141 Outro, ... iniciar o período. Desta vez ... não é escravo que fala.

Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).